

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**GRUPO GRIÔ: Culturas Populares, Ancestralidade Africana e Educação**

**I SEMINÁRIO GRIÔ: CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO**

**Anais**

Pedro Rodolpho Jungers Abib e Eduardo David de Oliveira(Org.)

Salvador  
UFBA  
2014

## UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor: João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-reitor: Paulo César Miguez de Oliveira

Diretor da Faculdade de Educação: Cleverton Suzart Silva

Coordenadora do Programa da Pós-Graduação em Educação: Maria Helena Silveira Bonilla

Vice-Coordenador da Pós-Graduação em Educação: Jonei Cerqueira Barbosa

Coordenadores do Grupo Griô: Culturas Populares, Ancestralidade Africana e Educação: Pedro Rodolpho Jungers Abib e Eduardo David de Oliveira.

### COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. Pedro Rodolpho Jungers Abib

Prof. Dr. Eduardo David de Oliveira

Prof. Dr. Luis Vítor Castro Junior

Prof. Dr. Romilson Augusto dos Santos

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Martha Benevides da Costa

Prof<sup>a</sup> Ms. Débora Matos Maia

### COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof. Dr. Pedro Rodolpho Jungers Abib

Prof. Dr. Eduardo David de Oliveira

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Martha Benevides da Costa

Prof<sup>a</sup> Ms. Débora Matos Maia

Prof<sup>a</sup> Ms. Dimaura de Fátima Carvalho

Prof<sup>a</sup> Ms. Sara Abreu da Mata Machado

Prof<sup>a</sup> Ms. Solange Aparecida do Nascimento

Prof. Heloísa Ferreira da Silva

Prof. Esp. Núbia Cecília Pereira dos Santos

Prof. Mário Lopes dos Santos Neto



Os Anais do I Seminário Griô: Cultura Popular e Educação foi produzido com recursos oriundos do Termo de Solicitação e Concessão de Apoio Financeiro a Projeto – AUXPE - PAEP 2163/2014, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

## EDIÇÃO

Rodrigo Meirelles

Catálogo-na-Publicação: Fábio Andrade Gomes - CRB-5/1513

S474a Seminário Griô: Cultura Popular e Educação (1. : 2014: Salvador, BA)  
Anais do I Seminário Griô: Cultura Popular e Educação [recurso eletrônico], 09 a 10 de outubro de 2014 / Organização de Pedro Rodolpho Jungers Abib , Eduardo David de Oliveira. – Salvador: EDUFBA, 2014.  
90 p.  
Tema: Interfaces entre as práticas socializadoras das culturas populares e a educação.  
Promoção: Grupo de Pesquisas GRIÔ-Culturas Populares, Ancestralidade Africana e Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.  
ISBN: 978-85-8292-037-4.  
1. Cultura popular. 2. Educação - Aspectos sociais. I. Abib, Pedro Rodolpho Jungers. II. Oliveira, Eduardo David de.  
CDD: 306.43

**PPGE – Faculdade de Educação da UFBA**

Av. Reitor Migue Calmon, s/n - Salvador, BA  
Tel.: (071) 3283-7272 Fax: (071) 3283-7263

## SUMÁRIO

<b>EDITORIAL</b>	5
<b>RELATOS DE EXPERIÊNCIA</b>	
A ARTE-EDUCAÇÃO EM PROCESSOS TERAPÊUTICOS: VIVÊNCIAS E RESGATE DA CULTURA POPULAR NO CAPS-AD PERNAMBUÉS Gustavo José Mesquita dos Santos	8
BATUQUE - A LUTA BRABA: NOSSA EXPERIÊNCIA E HOMENAGEM A FREDE ABREU Maria Luísa Bastos Pimenta Neves, Elza de Abreu	9
CAAPORÃ- CULTURA E ARTES INTEGRADAS: OFICINAS DE ARTES PLÁSTICAS E LETRAMENTO Ione de Jesus Costa, Patrícia Regina Santos	10
CAAPORÃ -EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTES INTEGRADAS: OFICINAS DE DANÇA E CAPOEIRA Jaqueline Mateus	11
DONA CILIRA, SAMBA DE RODA E CAPOEIRA Flávia Diniz	12
PROJETO SOCIAL CALA OLHARES – OFICINA DE FOTOGRAFIA DIGITAL Lucilaura Pereira da Silva	14
TERREIRO DE GRIÔS Mo Maiê	15
BANDO CUMATÊ: SABERES E FAZERES INSPIRADOS NAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS TRADICIONAIS Rafael Rolim Farias	17
TERREIRO, PERCUSSÃO, DANÇA E CANTO PARA OS MENINOS E MENINAS DA COMUNIDADE DO ENGENHO VELHO DE BROTAS Jorge Sacramento de Santana (Jorjão Bafafé)	19

## **TRABALHOS ACADÊMICOS**

A CORDA - SAMBA DE RODA E EXPRESSÕES POPULARES Natureza França	20
A CULTURA DA ESCOLA E A ESCOLA NA CULTURA: QUAL O LUGAR DA CULTURA QUILOMBOLA NOS CURRÍCULOS ESCOLARES? Solange Aparecida do Nascimento	22
A MÚSICA ATRAVÉS DO CANTO CORAL: A ARTE DE CANTAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS Acenísia Rodrigues Souza de Azevedo, Arlene Andrade Malta	25
AÇÃO GRIÔ NACIONAL: DO QUE SE TRATA? Dimaura Fatima Carvalho	27
FRICANIDADE E AFRODESCENDÊNCIA: PATRIMÔNIOS DE MATRIZES AFRICANAS NA TRILHA DA HISTÓRIA E MEMÓRIA Fernanda Lícia de Santana Barros, Henrique Antunes Cunha Júnior	29
APLICAÇÕES DE TÉCNICAS E EXERCÍCIOS VOCAIS PARA O DESENVOLVIMENTO E APRIMORAMENTO DA VOZ CANTADA NA PRÁTICA CORAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE DO ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO Acenísia Rodrigues Souza de Azevedo	31
ARTE EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR: SENSIBILIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO NO PROCESSO EDUCATIVO Luara Cerqueira de Sousa	33
ARTE-EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR COMO PONTES PARA O RESGATE DE MEMÓRIAS DO BAIRRO ALTO DAS POMBAS: CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO INSTITUTO FATUMBI VIVENDO TRADIÇÃO Ruth Marinho Santiago Pedreira	36
RELATO DE VIVÊNCIAS DA CULTURA POPULAR NA UNIVERSIDADE: CAPOEIRAGEM NA UFBA Ábia Lima de França, Amélia Vitoria de Souza Conrado	37
CULTURAS POPULARES, FORMAÇÃO DOCENTE E EMANCIPAÇÃO Daniela Barros, Saulo Pequeno	39

CURRÍCULO MOVENTE: A LEI Nº 10.639/2003 E AS PRESCRIÇÕES PARA AS RELAÇÕES ETNICORACIAIS EM EDUCAÇÃO Selma Maria Batista de Oliveira, Maria Nazaré Mota de Lima	41
CAMINHOS DA ESCOLA: SABERES E FAZERES DA PEDAGOGIA GRIOT E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CURRÍCULO FORMAL DA ESCOLA MUNICIPAL MALÊ DEBALÊ Edmeia Nascimento	44
PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA COM A AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA E CULTURAL DE CRIANÇAS NEGRAS Heloísa Ferreira da Silva	46
EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR: O ENSINO DE DIREITOS AUTORAIS Saulo Pequeno, Daniela Barros	48
“A GENTE MORRE APRENDENDO E NUNCA SABE DE TUDO”: EDUCAÇÃO NO CONTEXTO KARIRI-XOCÓ Maiara Damasceno da Silva Santana	51
EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, ORALIDADE E MEMÓRIA: O CONTEXTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL PAULISTA Lívia Morais Garcia Lima	53
EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NO BRASIL Eduardo David de Oliveira	55
GARIMPANDO SONHOS: GRIÔS DE RIO DE CONTAS Flávia Pires Pacheco Lopes	56
GESTÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO E ANÁLISE COGNITIVA INVESTIGANDO A RELAÇÃO ENTRE UMA COMUNIDADE EPISTÊMICA E UMA COMUNIDADE TRADICIONAL Alessandra dos Santos de Jesus	57
AS RESSONÂNCIAS DE UMA REPARAÇÃO TARDIA: A EXPERIÊNCIA DOCENTE DIANTE DO ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM ESCOLAS PÚBLICAS NO BAIRRO DA LIBERDADE- SALVADOR, PERSPECTIVAS E DESAFIOS APÓS DEZ ANOS DA LEI Nº 10.639 Mário Lopes dos Santos Neto	59

MARIAS DO MANGUE, MARIAS EM “MARÉ”: RESGATANDO HISTÓRIAS PARA RESSIGNIFICAR O PROTAGONISMO DE MULHERES MARISQUEIRAS NOS MOVIMENTOS POPULARES Sandra Tereza de Freitas, Clezilda Borges dos Santos, Mirela de Sousa Borba	61
MOVIMENTO CULTURAL NA COMUNIDADE DE ITAPUÃ Débora Matos Maia	63
COESÃO PEDAGÓGICA: UMA MEDIAÇÃO CULTURAL E SOCIAL NO MUSEU DA CIDADE DO SALVADOR Carla Fabianny Ramos Sales	65
NAS TRILHAS DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA: TRADIÇÃO, ORALIDADE, MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE Luciana de Araújo Pereira	66
NOITE DOS TAMBORES – ENCONTRO DE PERCUSSIONISTAS Gabriela Gonçalves de Mesquita, José Everton Rozzini	67
O NEGRO, SEUS VALORES E CONQUISTAS REFLETIDOS NA POÉTICA Yara da Paixão Ferreira	70
OFICINAS INTEGRADAS DE ARTES POPULARES - SEMANA DO FOLCLORE 2014 Rafael Estruc Pereira, José Everton Rozzini	72
ORO MIMÁ” EDUCAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA MUSICA POPULAR DOS BANTOS DE IGUAPE Mariel Cisneros López, Eduardo D. de Oliveira	75
PEPEU – PROGRAMA DE EXTENSÃO EM PERCUSSÃO DA UFPEL José Everton da Silva Rozzini, Gabriela Gonçalves Mesquita, Rafael Estruc Pereira	76
PERMACULTURA E CAPOEIRA ANGOLA: INTEGRAÇÃO ANCESTRAL E NATURAL Sara Abreu da Mata Machado, Rosângela Costa Araújo	79
POETICAS ORAIS E IDENTIDADE ÉTNICORRACIAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE VOLTA GRANDE Carlene Vieira Dourado, Ari Lima	81

UM OLHAR SOBRE O PROGRAMA DE PERMANÊNCIA NO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA-UFRB. SUJEITOS: PERTENCIMENTO E PROTAGONISMO Jolane Mota Alves da Cruz	82
QUILOMBOLER: VOZES NEGRAS RESSOANTES NA LITERATURA BRASILEIRA Maria Gabriela Batista Neiva, Osmar Moreira dos Santos	84
REDES DE COLABORAÇÃO SOLIDÁRIA – CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE NA EDUCAÇÃO Rejane Souza Costa Matos	85
RITOMÍDIA DO RITUALÍSTICO AO MIDIÁTICO A MIDIATIZAÇÃO DAS CULTURAS POPULARES DE RAIZ DE MATRIZ AFRICANA NA PERSPECTIVA DA CAPOEIRA ANGOLA Carem Abreu	87
O TAMBOR COMO EXTENSÃO DO SER-CORPO: A ARTE-EDUCAÇÃO COMO FUNDAMENTO PARA BUSCA DA AUTONOMIA PESSOAL E PROFISSIONAL Carla Fabianny Ramos Salles	89



## EDITORIAL

O "I SEMINÁRIO GRIÔ: CULTURAS POPULARES E EDUCAÇÃO" foi um evento organizado pelo Grupo de Pesquisa GRIÔ-Culturas Populares, Ancestralidade Africana e Educação, a partir da necessidade de promover um evento que colocasse em pauta a temática das interfaces entre as práticas socializadoras das culturas populares e a educação, por entendê-las relevantes no cenário contemporâneo, especialmente considerando que as culturas populares sempre foram secundarizadas nos ambientes acadêmico-científicos.

As culturas populares foram historicamente silenciadas e excluídas, como sinônimo de indisciplinada e/ou não-saber, por não serem captadas pela lógica moderna. Em tempos de globalização e de pressão para homogeneização cultural, as culturas populares, hibridizando tradição e elementos contemporâneos, resistem e têm se revitalizado em uma diversidade de festas e manifestações, como também fundamentado iniciativas educacionais no âmbito dos Movimentos Sociais em que se resiste e se afirmam identidades subalternizadas. No âmbito das políticas culturais tem havido avanços no que se refere à valorização dessas manifestações, como também tem se debatido a interface necessária com outros campos, especialmente com a educação formal e não-formal. Faz-se mister, portanto, aprofundar debates, dialogar com pesquisadores, mestres/mestras da cultura popular e grupos organizados acerca de suas experiências e aprender dialogicamente com eles sobre possibilidades no/do campo educacional.

Nesse Seminário, foi promovida a socialização de pesquisas, produções culturais e iniciativas educacionais que dialogam sobre e com as culturas populares; o aprofundamento de discussões e conhecimentos sobre as práticas educativas e formas de socialização das culturas populares; a experimentação da inserção e inclusão no ambiente acadêmico de temáticas historicamente secundarizadas e reflexão sobre a necessária extensão e ampliação das fronteiras científicas e curriculares.

O Seminário foi organizado a partir do princípio em que tanto os saberes científicos como os saberes populares pudessem estar num mesmo nível de importância, com esse profícuo diálogo se materializando em mesas redondas, apresentação de trabalhos acadêmicos e relatos de experiências tendo como autores: pesquisadores, estudantes, mestres da cultura popular e educadores populares de várias regiões do Brasil. Esse evento contou ainda com exibição de filmes, apresentações de grupos culturais, defesa de tese de doutorado com o tema “Carnavalização da Escola: as culturas populares nos currículos e práticas pedagógicas” de

autoria de Martha Benevides da Costa e conferência de encerramento, onde recebemos o Prof. Dr. José Machado Pais da Universidade de Lisboa, com o tema: “ As artes de musicar e improvisar na cultura popular”.

Agradecemos aos participantes e autores que aqui contribuíram para fomentar as relações entre as culturas populares e a educação, com seus textos e ideias, na perspectiva de futuros reencontros.

## **RELATOS DE EXPERIÊNCIAS**

---

## **A ARTE-EDUCAÇÃO EM PROCESSOS TERAPÊUTICOS: VIVÊNCIAS E RESGATE DA CULTURA POPULAR NO CAPS-AD PERNAMBUÉS**

GUSTAVO JOSÉ MESQUITA DOS SANTOS  
CAPS-AD Pernambués

### **Resumo**

Este relato tratará da experiência de oficinairo de arte no desenvolvimento de práticas que utilizam a cultura popular como eixo de trabalho, em um ambiente de educação não formal de saúde mental. Relataremos sobre a busca das possibilidades de atuação nesse campo e como elas se dão, tanto pelo viés da arte-educação, quanto na atuação do arte-educador. Essas dimensões norteiam e identificam processos que apontam benefícios nas novas formas de trabalho, com processos de educação fora do ambiente escolar e como o desenvolvimento da arte, pelo viés da cultura popular, traz identificação e significação para os envolvidos na atividade. O principal objetivo das oficinas de arte, parte da ideia de trazer possibilidades para a valorização do sujeito, que nascem nas relações e reverberam na sociedade, legitimando o processo educativo de ensino não formal.

**Palavras-chave:** Cultura popular. Arte-educação. Processos terapêuticos.

## **BATUQUE - A LUTA BRABA: NOSSA EXPERIÊNCIA E HOMENAGEM A FREDE ABREU**

MARIA LUÍSA BASTOS PIMENTA NEVES  
Professora de capoeira e pesquisadora

ELZA DE ABREU  
Pesquisadora de capoeira

### **Resumo**

Ao participar da construção e edição do projeto do último livro (bilíngue) do pesquisador popular Frederico de Abreu, Elza Abreu e Luísa Pimenta, respectivamente designer e tradutora do mesmo, experienciaram diversos aspectos relativos à capoeira e sua dinâmica: um profundo e conscientizador mergulho na história dessa manifestação popular tão enraizada no controverso percurso da capoeira (através de texto, imagem e conversas informais geradas a partir dessas informações); o grande esforço para adequação do livro e seu orçamento à realidade "incentivadora" dos editais de nossas instituições públicas; a dificuldade em vender e divulgar tal livro; o luto, a estranheza da conclusão de tal projeto mediante a ausência (por falecimento) de seu criador e pesquisador: Frede. Este relato pretende compartilhar com o público essa experiência e sua relação com o momento atual da capoeira, no qual ela se encontra em franca expansão, mas a preservação de suas histórias, de seus fundamentos mananciais, bem como de suas fontes, encontra-se constantemente ameaçado, não sendo eficientemente priorizado pelas instituições públicas ou privadas que estejam relacionadas à manutenção do nosso patrimônio imaterial. Estamos atentas à falta de atenção dada aos guardiões da cultura popular.

**Palavras-chave:** Capoeira. Patrimônio imaterial. Cultura popular.

## **CAAPORÃ- CULTURA E ARTES INTEGRADAS: OFICINAS DE ARTES PLÁSTICAS E LETRAMENTO**

IONE DE JESUS COSTA  
Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia

PATRÍCIA REGINA SANTOS  
Pedagoga. Universidade do Estado da Bahia

### **Resumo**

Nosso trabalho no projeto “Caaporã- Cultura e Artes Integradas”, na associação Lar Joana Angélica vem estimulando, nos alunos de 5 a 7 anos, o conhecimentos da formação da nossa identidade étnica e cultural através do universo das habilidades artísticas, assim como, nas suas múltiplas linguagens. Na Oficina de Artes Plásticas estimulamos a capacidade criadora, através de procedimentos como: desenhos, pintura, colagem, na produção de telas que retratem a expressão de sua realidade local. A Oficina de Letramento incentiva a leitura, através de trabalhos textuais na confecção de um livro que configure a história do bairro de Valéria, resgatando elementos de uma cultura afro-brasileira e fazendo com que se reconheçam nela. Assim como a prática de contação de história, valorizando o conhecimento ancestral da oralidade.

**Palavras-chave:** Cultura afro-brasileira. Artes plásticas. Letramento.

## CAAPORÃ -EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTES INTEGRADAS: OFICINAS DE DANÇA E CAPOEIRA

JAQUELINE MATEUS  
Pesquisadora Popular

### **Resumo**

Minha experiência teve início em 2011, com a caminhada “Chinelo de Couro- manifestações culturais na Bahia”, promovida pela associação Lar Joana Angélica, onde eu já era professora de capoeira. Com a necessidade de ampliarmos o trabalho com a cultura popular afro-brasileira, cotidianamente, e não somente em datas específicas nasceu o “Caaporã- Cultura e Artes Integradas”. Concomitantemente com as atividades de artes plásticas e letramentos, as oficinas de capoeira proporcionam aos alunos de 3 a 7 anos o desenvolvimento de danças regionais como: maculelê, puxada de rede e samba de roda, e ainda a capoeira regional estimula o conhecimento da nossa cultura afro-brasileira. O meu grande desafio nesta atividade está sendo desconstruir o preconceito aos elementos constitutivos de nossa cultura, visto a resistência inicial ao atabaque, as vestes e adereços de palha.

**Palavras-chave:** Cultura popular. Danças regionais. Preconceito.

## DONA CILIRA, SAMBA DE RODA E CAPOEIRA

FLÁVIA DINIZ

Doutoranda - Escola de Música UFBA

### Resumo

Foi no aniversário do seu neto que conheci Dona Cilira, em 2010. Ela deu um caruru e veio sambar após a roda de capoeira. Ela é vizinha de Dona Helena, mãe de Paulo Sérgio, capoeirista do Bate Facho, que é professor de capoeira do neto de Dona Cilira. Dona Helena veio de Ubatã, da antiga região cacauera. A família ficou grande e as terras dos avós ficaram muito divididas. Cada um vendeu o seu e veio pra capital. Tempo bom! O melaço do cacau, o cravo... Veio há 50 anos, pra morar ali, no Bate Facho. Chama assim porque quando tudo era mata do Parque do Pituáçu, e o rio ainda não era represado e passava na porta da sua casa, não tinha eletricidade e eles faziam um feixe de palha e acendiam pra alumiar. E batia no chão aquela palha em brasa: bate facho. Os filhos dela pescavam, tomavam banho, uma beleza! Ali mesmo, na beirinha de onde hoje é a Avenida Jorge Amado, entre Pituáçu, Imbuí, Boca do Rio. Uma casa aqui, outra lá longe... Hoje o rio virou canal, e o canal virou problema. Mas essa é outra história... Pois bem, Dona Helena tem 72 anos, também deu um caruru no seu aniversário pra todo pessoal da rua e da capoeira. Dona Cilira vai fazer 80 anos em 2015 e quer fazer um samba de amanhecer o dia, pra lembrar dos velhos tempos. E que ginga Dona Cilira! Uma voz experiente, treinada pra em toda sua delicadeza se fazer ouvir com coro e couro comendo solto. Melodias cheias de meandros e melindres, que parecem com aquelas que a gente canta na capoeira, mas são bem diferentinhas, cheias de melismas, vibratos, esticadinhas aqui e ali, parando de repentininho que a gente é pego de surpresa e demora a aprender. E a palma, então? Uma palma que começa depois do começo, bate duas, rapidinho e continua com mais cinco divididinhas por igual, até parar pra poder começar depois do começo de novo. E não pode parar de responder o coro! Grau de dificuldade máximo! E ela ainda faz isso improvisando verso! Pois bem. Essa senhorinha, quem sabia? Uma mestra sambadeira, pequenina com seus lenços de cabeça. Frente à nossa admiração, faz um aceno de mão: deixem disso, meus filhos, isso não é nada! Quem cantava mesmo era Camafeu... tempo bom... Camafeu?!? Camafeu de Oxóssi?!? É, minha filha... eu ficava na cozinha, ele me chamava: Maria Tampinha, vem pro samba! Dizia que ia me levar pra viajar com ele pra gente fazer samba em todo lugar do mundo! Mas depois ele se foi... Cadê minha segunda, que me ajudava a cantar? Dona Cilira, como a senhora conheceu Camafeu de Oxóssi? Ah minha filha, ele tinha um restaurante, eu era cozinheira, muito amiga da esposa dele, até hoje ela vem aqui, me busca, me leva... Mas antes disso, Dona Cilira morou em Mar Grande, na casa



da madrinha. Essa madrinha é a heroína dela! Organizadora de festas e ranchos de todos os bichos. O que Dona Cilira achava mais lindo era o rancho da borboleta: a bandeira, as fantasias... E viravam noites cantando em casa e pelas ruas. Mas não pense não! Era tudo no maior respeito! A madrinha de Dona Cilira era muito respeitada por todos, e não tinha marido pra defender ela, em! Tanto é que os convidados chegavam de longe, das roças, e vinham armados. Porque naquele tempo era perigoso, andar no mato, estrada. Quando chegavam na festa, tinham todos que desembainhar essas armas - facas, pistolas - e dar pra madrinha guardar. Passavam dias! Ela só devolvia no fim da festa, pra eles irem embora. A jovem Cilira se divertia muito! Faziam Santa Mazorra, e saíam pela Ilha com o garrafão na cabeça, tirando esmola. Cantarola... Que saudade! E ia nas casas dos compadres... o compadre Gerson, capoeirista, sambador e que também saía com seu rancho. Dona Cilira!!! Que compadre Gerson?!? Seria esse o famoso Mestre Gerson Quadrado de Mar Grande? Ela não soube responder... mas outro dia bem que puxou um "samba da baleia". É tanta história! Dona Cilira. Por isso ela quer dar essa festa enorme. Depois que veio a capoeira pro Bate Facho, o pessoal gosta, ela gosta. Antigamente, quando mudou pra ali, botou um rancho na rua, bordou bandeira, roupa, e se deu mal. Disseram que ela estava fazendo aquilo é atrás de homem! Veja que desgosto! Maldizer assim! Tanto trabalho! Nunca mais fez. Hoje em dia? Sair por aí? Hum! Só querem saber de "fuleragem". Mas na lavagem do Bate Facho, na primeira, em 2013, Dona Cilira fez um sucesso total com seu samba. Dona Helena fez o feijão. Quem não comeu perdeu! Era bem servido e o tempero... Pense um feijão bom! Agora, o que a gente não esperava, o insuspeito, aconteceu na 2ª Lavagem do Bate Facho, em 2014. Os moradores assistiram de camarote! Pasmem: Dona Cilira mestrou essa roda de capoeira, que foi ali mesmo na rua, na frente da casa delas. Tranquilamente, puxou sua cadeira ao lado do atabaque e cantou de um tudo: ladainha, louvação, corrido. E cantou o jogo como ninguém! Depois de horas de roda, essa senhora de quase 80 anos emendou num samba que não se acabava mais! Colocou menino rebelde pra sapatear sob sua batuta. Tinha que ver! Dona Cilira, tá cansada, quer água? Minha filha, que água o quê, vocês não param de me dar água! Eu quero é sambar! Ô ligêro, ô ligêro! Lelelêlêlêdiá.... no subido da ladeira, ô que bole-bole, cheguei agora, por cima do morro o sol lá vai! E a gente vai aprendendo que não precisa gritar pra cantar, nem ficar trocando de música toda hora, nem correr desembestado, nem furar o couro do tambor pra fazer um samba bom. Vai aprendendo que tem muitas mestras por aí, e que capoeira mandingueira não é só daquele que joga a perna para o ar.

**Palavras-chave:** Samba de roda. Capoeira. Memória.

## **PROJETO SOCIAL CALA OLHARES – OFICINA DE FOTOGRAFIA DIGITAL**

LUCILaura PEREIRA DA SILVA  
Pesquisadora popular

### **Resumo**

O conceito da Oficina de Fotografia Digital Cala Olhares, que traz em seu bojo o registro do cotidiano da comunidade do Calabar, através da fotografia, oportuniza conhecer os espaços sociopolíticos pulsantes de cidadania e autoestima do Calabar, que a sociedade soteropolitana, até então, somente conhecia pelas matérias midiáticas que falavam de violência e tráfico de drogas. A efetividade do Projeto Cala Olhares se traduz com a exposição Cala Olhares – O Olhar de Dentro, cujas imagens revelam a internalização, por parte dos alunos, do conceito do projeto que além de ensinar técnicas de fotografia e de edição de imagens, também possibilitou uma experiência cognitiva de seus olhares sobre si mesmos, e por conseguinte, um enaltecimento da história de sua comunidade.

**Palavras-chave:** Fotografia digital. Comunidade. Educação.

## TERREIRO DE GRIÔS

MO MAIÊ  
Pesquisadora Popular

### **Resumo**

Musicista e arte-educadora, há alguns anos desenvolvendo um trabalho de pesquisa e difusão da cultura griô africana, de encontro com a apropriação que os brasileiros vêm fazendo do termo e do conceito prático, com enfoque nas manifestações culturais e artísticas da música, dança e contação de histórias, salvaguardando o papel dos grandes mestres dos saberes populares dentro do universo griô brasileiro.

**Palavras-chave:** Arte educação. Griô. Saberes populares.

## **BANDO CUMATÊ: SABERES E FAZERES INSPIRADOS NAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS TRADICIONAIS**

**RAFAEL ROLIM FARIAS**  
Brincante do Bando Cumatê

### **Resumo**

O Bando Cumatê, do qual sou brincante e fundador, é um grupo de pesquisa e investigação dos saberes e fazeres das culturas populares artísticas tradicionais brasileiras e vem, desde julho de 2012, desenvolvendo atividades de formação e criação, a partir de vivências e práticas com mestres, mestras, brincantes e pesquisadores, no bairro da Federação, na localidade de São Lázaro. O grupo conta, atualmente, com cerca de 20 integrantes e é um coletivo autogestionário e autônomo. É entre o risco e o desejo, a memória e o esquecimento, a tradição e a contemporaneidade que navega a proposta do Bando Cumatê. Os ensaios, sempre realizados aos domingos, são abertos e de livre acesso a toda a população. As reuniões e os laboratórios artísticos que acontecem ao longo da semana têm um cunho mais experimental e contemporâneo, com foco na interdisciplinaridade criativa do grupo. O reisado, o bumba-meu-boi, o samba de roda, o cavalo-marinho, o maracatu e as caixeiras do divino são algumas das principais manifestações estudadas. Atualmente, o Bando Cumatê vem desenvolvendo oficinas, vivências e formações com foco na criação de um espetáculo autoral, inspirado no universo simbólico e mítico das manifestações artísticas tradicionais nordestinas.

**Palavras-chave:** Culturas populares. Brincantes. Manifestações artísticas tradicionais.

## **BANDO CUMATÊ: SABERES E FAZERES INSPIRADOS NAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS TRADICIONAIS**

RAFAEL ROLIM FARIAS  
Brincante do Bando Cumatê

### **Resumo**

O Bando Cumatê, do qual sou brincante e fundador, é um grupo de pesquisa e investigação dos saberes e fazeres das culturas populares artísticas tradicionais brasileiras e vem, desde julho de 2012, desenvolvendo atividades de formação e criação, a partir de vivências e práticas com mestres, mestras, brincantes e pesquisadores, no bairro da Federação, na localidade de São Lázaro. O grupo conta, atualmente, com cerca de 20 integrantes e é um coletivo autogestionário e autônomo. É entre o risco e o desejo, a memória e o esquecimento, a tradição e a contemporaneidade que navega a proposta do Bando Cumatê. Os ensaios, sempre realizados aos domingos, são abertos e de livre acesso a toda a população. As reuniões e os laboratórios artísticos que acontecem ao longo da semana têm um cunho mais experimental e contemporâneo, com foco na interdisciplinaridade criativa do grupo. O reisado, o bumba-meu-boi, o samba de roda, o cavalo-marinho, o maracatu e as caixeiras do divino são algumas das principais manifestações estudadas. Atualmente, o Bando Cumatê vem desenvolvendo oficinas, vivências e formações com foco na criação de um espetáculo autoral, inspirado no universo simbólico e mítico das manifestações artísticas tradicionais nordestinas.

**Palavras-chave:** Culturas populares. Brincantes. Manifestações artísticas tradicionais.

## **TERREIRO, PERCUSSÃO, DANÇA E CANTO PARA OS MENINOS E MENINAS DA COMUNIDADE DO ENGENHO VELHO DE BROTAS**

JORGE SACRAMENTO DE SANTANA (JORJÃO BAFAFÉ)  
Mestre da Cultura Popular

### **Resumo**

Minha experiência começa aos oito anos de idade, em minha casa com a minha avó e primeira Mestre, a Yalorixá Maria Amélia do terreiro de Jagun, Engenho Velho de Brotas. Foi ela quem me incentivou a tocar, dançar e cantar. Mais tarde, no Terreiro, comecei a ensinar percussão, dança e canto para os meninos e meninas da comunidade de Engenho Velho de Brotas e bairros vizinhos, atividade que desenvolvo até hoje com os meus 60 e poucos anos. Como Mestre de Cultura Popular reconhecido pelo Ministério da Cultura desenvolvo minhas atividades em um bairro de cuja história eu participei como a explosão Badauê e ruas cujos nomes homenageiam nossos heróis como Manoel Faustino, Maria Felipa, Joana Soaleira e Brigida do Vale.

**Palavras-chave:** Percussão. Dança. Educação.

## **TRABALHOS ACADÊMICOS**

---

## A CORDA - SAMBA DE RODA E EXPRESSÕES POPULARES

NATUREZA FRANÇA  
Universidade Federal da Bahia

### **Resumo**

Projeto de pesquisa em educação afro-brasileira que investiga e promove a prática do Samba de Roda e outras atividades relacionadas à cultura de matriz africana e da diáspora com crianças e adolescentes dos bairros de Paripe (Tubarão) e Periperi (Cidade de Plástico), subúrbio ferroviário de Salvador. Se dá de forma contínua com encontros semanais e atividade mensal externa e pontual, através de apresentações, oficinas, intercâmbios e outras propostas. No núcleo de Paripe são realizados encontros teórico-práticos, enquanto no núcleo de Periperi as atividades são práticas em parceria com o Grupo de Capoeira Angola Guriatá, sediado na ocupação Guerreira Zeferina (Cidade de Plástico). Em ambos, as atividades abordam a identidade cultural e autoconhecimento no contexto histórico e sociocultural das comunidades. Dentre elas, movimentos corporais, leituras de histórias, observações de imagens, etc., sempre voltados para a temática afro-brasileira e com discussões posteriores. A prática do Samba de Roda é o círculo que envolve as questões levantadas pelo projeto e as conquistas alcançadas por seus membros. Nos ensaios são trabalhados repertório tradicional, palmas e tábuas e canto. Eventualmente, recebemos convidados que colaboram com a prática da percussão e outras atividades que complementam a proposta central e dão subsídios para o desenvolvimento de todos os envolvidos no projeto, principalmente os jovens que já apresentam mudança no comportamento dentro do grupo e na própria família, demonstrando através de seus atos a compreensão do respeito ao mais velho, às tradições populares, ao outro indivíduo – conceitos fortemente presentes na cultura tradicional afro-brasileira. Tão significativo é o desenvolvimento da autoestima, a apropriação de valores próprios da sua cultura que foram ocultados pelo sistema colonizador e afirmação de conceitos historicamente discriminados e marginalizados. Há ainda a postura, o conhecimento do próprio corpo e dos movimentos que este pode alcançar através da disciplina e prática.

**Palavras-chave:** Cultura afro-brasileira. Samba de roda. Educação popular.



## **Referências**

NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons dos negro no Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

THOTH – Escriba dos Deuses – Pensamento dos povos africanos e afrodescendentes .  
Brasília: Gabinete do senador Abdias Nascimento, 1997.

WOSIEN, Maria Gabriele. *Dança sagrada: deuses, mitos e ciclos*. São Paulo: Triom, 2002.

## **A CULTURA DA ESCOLA E A ESCOLA NA CULTURA: QUAL O LUGAR DA CULTURA QUILOMBOLA NOS CURRÍCULOS ESCOLARES?**

SOLANGE APARECIDA DO NASCIMENTO  
Doutoranda UFBA / Docente- Universidade Federal do Tocantins

### **Resumo**

Para a elaboração desse projeto de pesquisa optamos pela pesquisa etnográfica, tendo em vista a oportunidade que oferece de trabalhar “com as sociedades e seus modos de produção econômica, suas organizações da política e da justiça, seus sistemas de parentesco, suas crenças e sua religiosidade, suas línguas, seus símbolos, suas criações artísticas”. (MEKSENAS, 2002, p. 115) Nessa perspectiva situada como participante qualitativa. Entendemos que a pesquisa etnográfica poderá nos auxiliar a perceber as triangulações e múltiplas interlocuções que compõem os artefatos culturais dessas comunidades, como as diferentes experiências ali vivenciadas se mesclam e se difundem nos espaços, incluindo aí a escola, lócus de nossa investigação. O campo de pesquisa é a escola Joaquim Ayres França, na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, município de Arraias no Estado do Tocantins, sendo que os sujeitos de pesquisa são moradores, alunos/alunas e professores/professoras da escola. Os instrumentos a serem analisados serão: observação participante, entrevista semiestruturada, diário de campo da pesquisadora e registros audiovisuais. O trabalho de pesquisa está estruturado em dois momentos: No primeiro, estabeleceremos contato com a comunidade na perspectiva de conhecer e identificar os elementos culturais ali vivenciados, para tanto lançamos mão da observação participante no sentido da realização da pesquisa no “estar com” a comunidade, participar das atividades cotidianas, dos momentos de coletividade, dos fazeres laborais, das festividades, dos processos de escolarização, das rotinas escolares, dos momentos de formação continuada realizada com os professores/professoras. Análise do material escrito das crianças e professores/professoras: cadernos, desenhos, atividades de campo, planejamentos, formação continuada, recursos didáticos: filmes, colagens, debates, livros, músicas, brincadeiras. Os recursos para captação das representações e interpretações, memória coletiva/individual dar-se-ão por meio de registros no Diário de Bordo, registros audiovisuais, entrevista semiestruturada. O uso de entrevistas com professores/professoras, alunas/alunos se dá, no sentido de a partir de um instrumento com questões mais pontuais, mas não fechadas, sobre os processos formais de escolarização visualizar e analisar as percepções, entendimentos e interpretações sobre os processos ali vivenciados. Essa primeira etapa de contato com a comunidade será desenvolvida no período

de um semestre, durante o qual serão realizadas incursões à comunidade no sentido de apresentar a proposta à Comunidade e seus representantes por meio da Associação dos Produtores Rurais que a representa e, posteriormente, participar das atividades cotidianas ali vivenciadas. O segundo momento se configura como uma pesquisa-intervenção na/com a comunidade a partir dos dados coletados na primeira etapa do trabalho na perspectiva da construção de ações a serem desenvolvidas na escola da Comunidade que possibilitem uma maior interlocução entre os saberes locais e a matriz curricular da escola. Essas atividades serão propostas à comunidade escolar e a partir daí desenvolvidas coletivamente no período de um ano letivo buscando ampla participação das pessoas da comunidade. Assumimos então nessa pesquisa a escuta clínica dos atores sociais envolvidos, atores esses traduzidos nas crianças e suas perspectivas, professores/professoras e suas perspectivas e moradores/moradoras das comunidades e suas perspectivas. Todo o processo de estruturação e manutenção das comunidades quilombolas passa por embates e resistências. A construção das escolas não foi diferente, é fruto de processos reivindicatórios insurgidos da comunidade e suas representações, esse processo só pode ser auscultado dessas pessoas, uma vez que “o pesquisador, nos trabalhos que buscam a compreensão e a “descrição densa” de contextos culturais, deve adotar uma perspectiva aberta e vinculante, permitindo que o próprio campo “fale” e que a vivência nele possibilite as pistas dos melhores caminhos para o trabalho etnográfico”. (MACEDO, 2012, p. 83) Considerando ainda a importância da pesquisa da memória coletivada, utilizaremos recursos da história oral para registrar os processos de manutenção da memória e da história da comunidade e como esses elementos perpassam o currículo e os fazeres no espaço escolar. Cabe salientar que a comunidade perpetua suas tradições, ritos, fazeres, formas de representação e manifestações míticas a partir da oralidade, linguagem predominante na manutenção da memória e da história das comunidades tradicionais. Dessa forma, o canal de comunicação entre a entrevistadora e os informantes será a língua falada e suas narrativas. De acordo com Bhabha (2001): “tradição oral é uma manifestação da tradição cultural e, como ela, encerra um conjunto de significados que se apresentam com continuidade e constância entre membros de um grupo étnico-racial. Encontram-se tais significados inscritos intenções, projetos, posicionamentos, avaliações, articulados no agir e intervir no ambiente. Trata-se de patrimônio ancestral inatingível que sobrevive com renovados contornos, como que ocultados, mas sempre compartilhados.” Na escola, alunos e professores são protagonistas na geração de representações, e como ela é um dos instrumentos de difusão, transmissão e disseminação cultural, propõe-se o desenvolvimento de uma investigação com a seguinte pergunta de pesquisa: como as práticas

desenvolvidas na escola do quilombo podem contribuir na manutenção e preservação das expressões culturais da comunidade Quilombola Lagoa da Pedra? Para essa pesquisa estabelecemos os seguintes objetivos: a) Conhecer os elementos da história e da cultura da comunidade quilombola Lagoa da Pedra; b) Identificar a inserção desses elementos culturais na matriz curricular e fazeres pedagógicos da escola da Comunidade; c) Identificar as representações culturais da Comunidade como conteúdos sociais relevantes na preservação da cultura local; d) Promover ações de valorização dos elementos culturais junto à comunidade escolar.

**Palavras-chave:** Identidade. Quilombo. Escola.

### **Referências**

BHABHA, H. O. *Local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFM, 1998.

GOMES, F. S. *Histórias de quilombos: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MACEDO, R. S. *A etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação*. Brasília: Liber Livro, 2012.

MEKSENAS, P. *Pesquisa Social e ação pedagógica*. São Paulo: Loyola, 2002.

## A MÚSICA ATRAVÉS DO CANTO CORAL: A ARTE DE CANTAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

ACENÍSIA RODRIGUES SOUZA DE AZEVEDO  
ARLENE ANDRADE MALTA  
Universidade Federal da Bahia

### **Resumo**

O ensino da Música contribui para o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano de educandos pertencentes à educação básica. De acordo com Fucci Amato (2007), Martinez (2009) e Azevedo (2011), contribui para o aprendizado musical nos mais variados aspectos, favorece o convívio social e as trocas de experiências através das relações de interação e integralização. Com isso, comprova-se que esta arte nas instituições escolares, desempenha um papel coadjuvante para a formação integral do aluno. As modalidades da música podem contribuir para o desenvolvimento humano de educandos no mais variados aspectos, entre elas, o canto coral. A Educação de Jovens e Adultos é um segmento da educação básica que colabora para o processo de aprendizagem de sujeitos que tiveram os seus direitos negados historicamente. Devido à pluralidade cultural e diversidade, este segmento configura-se um dos pontos culminantes deste trabalho que tem como objetivo principal, apresentar as contribuições do ensino da música através do canto coral para a aprendizagem de educandos da Educação de Jovens e Adultos. Para isso, foram coletadas informações, através de entrevistas e relatos de experiências de alunas coralistas e do professor de música que tem a função de regente/educador do canto coral de uma determinada instituição escolar pertencente à Rede Municipal de Salvador/Bahia. De acordo com os relatos dos participantes, a prática coral contribuiu para o processo de aprendizagem nos seguintes aspectos: sociais, musicais, cognitivos, comportamentais e terapêuticos. Vale ressaltar que os aspectos musicais e sociais foram os mais citados pelos participantes desta pesquisa. Foi também comprovado neste estudo, que a prática coral também contribuiu de forma transversal, com os conteúdos das demais disciplinas da grade curricular deste segmento. Entre elas: a Matemática, História Geral, Geografia e Português. Além disso, contribuiu para os desejos criativos, senso estético, autonomia, criticidade, motivação, valorização e autoestima das alunas através das vivências e experiências musicais que foram motivadas, permitidas e estimuladas pelo regente/educador. Neste estudo, foi também percebido, que a música é capaz de agregar, sensibilizar, revelar, conscientizar e expressar intencionalidades, como também, ideias e pensamentos dos participantes da pesquisa de acordo com a realidade vivenciada no cotidiano. Portanto,

concluimos através deste trabalho de pesquisa, a importância do coral como um agente musical que permite mudanças positivas nos mais variados aspectos, considerando a realidade e os contextos dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Logo, devemos utilizar esta modalidade musical para a construção de conhecimentos. É necessário divulgar de forma mais ampla, a importância da prática coral para a educação básica, através de propostas, projetos e planos pedagógicos que irão favorecer o ensino da música para todos, tendo como uma das modalidades musicais, o canto coral.

**Palavras-chave:** Música. Canto Coral. Aprendizagem.

## AÇÃO GRIÔ NACIONAL: DO QUE SE TRATA?

DIMAURA FATIMA CARVALHO  
Mestra em Educação – UFBA

### **Resumo**

Este trabalho traz um recorte da dissertação intitulada “A Cultura Popular para dentro dos muros da escola. Ação Griô Nacional: indicando possibilidades”, pesquisa esta, onde se objetivou discutir, a partir do acompanhamento e compreensão das propostas do projeto Ação Griô Nacional, de que maneira uma aproximação entre os saberes populares e os saberes institucionalizados pode interferir nos processos de construção do conhecimento e nas relações sociais dentro e fora das escolas. Dessa forma, o que se pretende neste texto é apresentar de maneira mais detalhada os propósitos da Ação Griô Nacional, rastreado as dimensões e potenciais de seus projetos e buscando compreender o funcionamento de sua rede de ações, a qual perpassa por múltiplas e diversas instâncias, e que traz à cena uma aproximação entre mestres da tradição oral, espaços formais e não formais de educação. Mas afinal, do que se trata? Inspiradora, desta pesquisa, a Associação Grãos de Luz e Griô, hoje ponto de cultura, vem promovendo na cidade de Lençóis, Bahia, um projeto de valorização e legitimação dos saberes populares em diálogo direto com os espaços de educação formal, projeto este que, em parceria com o Ministério da Cultura, deu origem ao programa Ação Griô Nacional, o qual vem se desenvolvendo em vários estados brasileiros. Trata-se, portanto, de uma ação integrada aos Pontos de Cultura do Programa Cultura Viva da Secretaria da Cidadania Cultural, e que tem como missão: “Criar e Instituir uma política nacional de transmissão dos saberes e fazeres de tradição oral em diálogo com a educação formal, para o fortalecimento da identidade e ancestralidade do povo brasileiro, por meio do reconhecimento do lugar político, econômico e sócio cultural dos griôs, das griôs, mestres e mestras de tradição oral do Brasil.”. (AÇÃO GRIÔ NACIONAL) Assim, numa iniciativa inovadora, a Ação Griô, possibilita trocas de experiências e estimulando vínculos entre comunidade e educadores e entre gerações, propõe o diálogo direto entre os espaços de educação formal (escolas e universidades), espaços não-formais de educação (ONGs e outras entidades do terceiro setor), e os mestres da cultura popular, para o planejamento e a sistematização de práticas educativas que valorizem os saberes e fazeres de tradição oral. A Ação Griô é gerida de forma compartilhada entre o Grãos de Luz e Griô, a Secretaria de Programas e Projetos do Ministério da Cultura (SPPC/MinC), equipes de coordenação regionais formadas por Pontões de Cultura e outras entidades, além de secretarias e parceiros regionais e estaduais. Cada

Ponto de Cultura e ONG parceira da Ação Griô desenvolve um projeto de educação e tradição oral em diálogo com os espaços de educação formal, estudantes, griôs, mestres e parceiros locais de sua comunidade, articulado aos propósitos da Ação. Acompanhar e compreender os desdobramentos das ações da Ação Griô Nacional nos permitiu, além de (re)descobrir novas (e outras) práticas de produção e transmissão de saberes mais criativas e efetivas, alcançar sentidos e significados que contribuem com a elaboração de uma educação voltada para as questões da vida.

**Palavras-chave:** Cultura popular. Educação. Ação Griô Nacional.

### Referências

AÇÃO GRIÔ NACIONAL. Disponível em: <<http://www.nacaogrio.org.br>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

CAÍRES, Márcio; PACHECO, Lillian. *Nação Griô – o parto mítico da identidade do povo brasileiro. Sistematização e vivências, invenções e pesquisas compartilhadas dos pontos de cultura da Rede Ação Griô Nacional*. Salvador: GRASB – Gráfica Santa Bárbara, 2008.

PACHECO, Lillian. *A pedagogia Griô. A reinvenção da roda da vida. Sistematização de vivências, invenções e pesquisas compartilhadas do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô*. Projeto gráfico: Anita Andrade. Lençóis, Bahia, 2006.

TRILLA, Jaume. A educação não-formal. In: GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume; ARANTES, Valéria. *A educação formal e não-formal: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2008.



## **AFRICANIDADE E AFRODESCENDÊNCIA: PATRIMÔNIOS DE MATRIZES AFRICANAS NA TRILHA DA HISTÓRIA E MEMÓRIA**

FERNANDA LÍCIA DE SANTANA BARROS

Professora da Educação Básica. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará

HENRIQUE ANTUNES CUNHA JÚNIOR

Professor Drº no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do  
Ceará

### **Resumo**

Com o intuito de contribuir com a valorização da cultura africana e afro-brasileira a pesquisa em questão destaca a cultura Bantu no Brasil e em especial na Bahia, através dos patrimônios materiais e imateriais, principalmente, no que diz respeito às heranças Bantu, visíveis nos bairros de maioria afrodescendente, influenciando na dinâmica das relações sociais e espaciais. Para Cunha Júnior (2012), “as religiões de base africana é um símbolo importante na cultura afro-brasileira”. Identificamos a influência Bantu como um fator marcante onde as comunidades tradicionais de terreiros exercessem papéis fundamentais, com destaque para sua atuação na valorização da memória ancestral e principalmente em fazer com que seu espaço seja um patrimônio educativo não apenas para seus adeptos e seguidores, como pelo seu trabalho nas comunidades em que estão inseridas buscando por melhorias sociais, profissionalizando, informando e destacando a importância das religiões de matrizes africanas como símbolo das heranças dos ancestrais. A pesquisa em foco é participante, com contribuições da história oral que é umas das metodologias que permite se aproximar da cultura africana e afro-brasileira de forma participativa, conhecendo seu desenvolvimento e sua riqueza cultural. O objetivo principal é identificar os terreiros de tradição Bantu como patrimônio histórico de matrizes africanas de grande importância na cultura afro-brasileira. Em quanto patrimônio, os autores Pelegrini e Funari (2012), destacam “o quanto o patrimônio cultural é bastante expressivo em uma determinada cultura”. Por essa expressão significativa, que os Bantu, merecem esse estudo. Como referencial teórico para subsidiar esse estudo e pesquisa os autores estudados são: Altuna, Carneiro, Cunha Júnior, Obenga, Tempels , dentre outros de grande relevância nos estudos dos Bantu. Nesta visão introdutória ressaltamos que embora a cultura Bantu tenha grande importância na formação da cultura brasileira o seu conhecimento e contribuições é pouco destacado e sua relevância pouco estudada. Para autores como Carneiro (1991), pesquisador das religiões de base africana, “os Bantu foram um dos primeiros a chegarem no Brasil na diáspora africana, principalmente na Bahia”. A

cultura de origem religiosa Bantu é bastante disseminada por todo Brasil, tendo pontos de concentração mais destacados como são no de Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, Ceará, Pernambuco e na Bahia. Também as religiões de matrizes africanas típicas como nos Catolicismos de Pretos e nas Umbandas o fenômeno Bantu é preponderante e significativo e necessita de uma grande reavaliação na cultura brasileira, mas reavaliação com bases no Pan Africanismo e não no eurocentrismo. Entretanto esta vertente de estudos distanciados do eurocentrismo ganhou um impulso nos últimos tempos e este trabalho faz parte deste campo de pensamento científico com título de Africanidade e Afrodescendência. Dentro da Bahia a cultura Bantu é representada por grande acervo cultural sendo um dos exemplos mais destacados o das culturas religiosas e atribuímos como patrimônio material e imaterial, pela sua valiosa contribuição na afirmação de identidade local, como também pela presença no tronco linguístico, em que aparece despercebido e reconhecido por poucos, merecendo um estudo e valorização. Por esse motivo o trabalho em desenvolvimento destaca os patrimônios Bantu como um dos símbolos de resistência, patrimônio educativo e de grande contribuição na valorização da história e memória da formação cultural Baiana.

**Palavras-Chave:** Bantu. Patrimônio. Memória.

## **Referências**

CARNEIRO, Edison. *Religiões Negras: negros Bantos*, 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. *Religiões de Base Africana: a propósito de definições e conceitos*, Ceará: UFC, 2012.

PELEGRINI, Sandra C. A, FUNARI, Pedro Paulo A. *O que patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

# **APLICAÇÕES DE TÉCNICAS E EXERCÍCIOS VOCAIS PARA O DESENVOLVIMENTO E APRIMORAMENTO DA VOZ CANTADA NA PRÁTICA CORAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE DO ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO**

ACENÍSIA RODRIGUES SOUZA DE AZEVEDO  
Universidade Federal da Bahia

## **Resumo**

O canto coletivo é uma das modalidades da música que desempenha um papel relevante no contexto histórico, social, cultural e educacional. De acordo com Fucci Amato (2007) e Azevedo (2011), contribui para o aprendizado musical nos mais variados aspectos, favorece o convívio social e as trocas de experiências através das relações de interação e integralização. Além disso, segundo Behlau (2005), permite a comunicação prazerosa e propicia o aperfeiçoamento do canto coral através de procedimentos técnicos. Este trabalho tem o objetivo de relatar as contribuições das aplicações de técnicas e exercícios vocais para o desenvolvimento e aprimoramento da voz cantada na prática coral. Trata-se de uma prática profissional longitudinal, de caráter qualitativo e quantitativo que consiste na aplicação de técnicas e exercícios vocais para o desenvolvimento e aprimoramento da voz cantada. 17 componentes participaram desta prática musical na Comunidade do Engenho Velho da Federação, sendo 14 coralistas do sexo feminino e 3 do sexo masculino, com faixa etária de 22 a 74 anos. 88,24% destes coralistas nunca tiveram experiências e vivências musicais através do canto coral. Com isso, a construção de conhecimentos ocorreu através da oralidade/audição. Conforme os resultados alcançados, as principais técnicas e exercícios vocais que contribuíram para o desenvolvimento da voz cantada para a prática coral foram os seguintes: relaxamento corporal, respiração, articulação e de ressonância. Durante o processo de aprendizagem, notou-se motivação coletiva no fazer musical e criativo com relação à prática coral, inclusive, alegria, estímulo e satisfação de realizar as técnicas e exercícios vocais propostos. Estes trabalhos comunitários colaboram para uma nova visão de mundo relacionada ao aprendizado musical de forma geral, que considera o cotidiano e a realidade dos coralistas, através das suas histórias de vida e contextos que ajudam a refletir sobre as estratégias metodológicas para o ensino, assim como, as práticas e pensamentos com relação ao processo de aprendizagem musical. Portanto, este relato de experiência revela que é possível o desenvolvimento e o aprimoramento da voz cantada, através das aplicações de técnicas e exercícios vocais em sujeitos que fazem parte da prática coral e que nunca tiveram acesso ao aprendizado musical formal. Ressalta-se que as vivências e experiências musicais

em comunidades podem contribuir para o entendimento e respeito ao pluralismo cultural, principalmente em estratégias metodológicas que podem também colaborar para o aprendizado no âmbito musical, independente de etnia, credo, nacionalidade, vertentes formais ou informais.

**Palavras-chave:** Coral. Aprimoramento. Técnica vocal.

## ARTE EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR: SENSIBILIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO NO PROCESSO EDUCATIVO

LUARA CERQUEIRA DE SOUSA

Pós-Graduanda em Arte-Educação pela Escola de Belas Artes da UFBA

### Resumo

Em uma sociedade marcada pelo descaso e pela falta de preocupação do poder público com o destino a ser dado às crianças e aos adolescentes, é normal, que assim como a saúde, a educação formal atravesse profundas crises, não dando conta de garantir uma formação crítica, integral e qualificada para todos os milhões de jovens brasileiros. É nesse contexto da sociedade que surgem instituições de ensino que se propõem em trazer para as crianças e jovens marginalizados uma abordagem que valorize a cultura popular e a arte como complemento da educação formal e também como forma de resistência, ao invés de “transplantar” modelos educacionais de outros países e aplicar nas nossas escolas sem nenhuma adequação. Como Giroux e Simon (1994), também acredito que uma pedagogia que tome a cultura popular como objeto de estudo deve reconhecer que todo o trabalho educacional é essencialmente contextual e condicional e que essa prática pedagógica somente pode ser discutida a partir de um tempo, um espaço e um tema específico. Quando aliamos a arte à educação, podemos ir muito além do aprendizado convencional; a arte nos permite entender o mundo de forma muito mais complexa e profunda. Com o auxílio dela conseguimos “enxergar” desejos e sentimentos; aprendemos com a cultura popular – que vai muito além das expressões artísticas de um povo e de acordo com Antonio Arantes (2012): “exerce um papel de resistência contra a dominação de classe” – valores e princípios fundamentais para a formação e educação de um indivíduo. Paulo Freire (1996) acredita que a melhor maneira de ensinar, principalmente, aos excluídos do privilégio de uma instrução formal, é através de linguagens que se aproximem do seu meio social. É sobre esse aspecto que trago o ensino da cultura popular e suas variadas formas de arte como elemento fundamental para a aprendizagem dessas crianças e adolescentes privados da educação formal. O trabalho de conclusão de curso: “Arte Educação e Cultura Popular: sensibilização e transformação no processo educativo”, propôs investigar as possibilidades de contribuição que a arte e a cultura popular trouxeram para o processo educativo da instituição de ensino não formal Band’Erê. Trazendo para o centro do estudo os educandos dessa instituição, com a intenção de mostrar qual é a importância da cultura em sua formação e o efeito que essa junção causa na sociedade. O desenvolvimento deste trabalho ocorreu na sede do Ilê Aiyê no

bairro da Liberdade, em Salvador, com base nos princípios da pesquisa de campo. A pesquisa de campo, ou pesquisa étnográfica, como defende Franco (1985, p. 36): “Procede à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, à coleta de dados referentes ao mesmo e, finalmente, à análise e interpretação desses dados.” Todo o processo de observação e pesquisa, realizado na Instituição de Ensino Band’Erê, teve como maior resultado a escrita do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia; trazendo ainda como consequência, maior clareza com relação ao tema pesquisado e o esclarecimento de algumas problemáticas. A ideia de como ocorre a educação por meio da arte, até que ponto os educadores dessa instituição têm a intenção de formar artistas, até onde vai a relação dessas crianças e jovens com a instituição de ensino não formal que frequentam, quais são as expectativas desses indivíduos, dentre outras, foram algumas das inquietações que acabaram por ser acalmadas como resultado desta pesquisa. Como Michael de Certeau (1980), também acredito que toda e qualquer sociedade encontra uma forma de manter viva as suas tradições. A nossa, por exemplo, resistiu por meio da cultura popular ou afro-brasileira e é também por isso que tenho orgulho de defender esse tema, já que, sei o grande valor que a cultura popular brasileira carrega no decorrer da nossa história. A arte trabalha com o sentimento, o individual de cada um, em consequência disso tem um espaço tão pequeno dentro das escolas formais, as quais, de acordo com João Francisco Duarte Junior (1991), impõem a visão de mundo das classes dominantes, não dando espaço para a vida e as experiências individuais de cada sujeito. Pergunto-me, assim, como isso poderia dar certo, se, primeiramente, expomos os nossos sentimentos, para então expormos a nossa razão? É em defesa disso que tomo como exemplo a Band’Erê, pois os alunos têm a oportunidade de se expressar, ou seja, colocar em discussão o que sentem e juntamente com a expressão trabalhar a linguagem! Nas instituições sociais como a Band’Erê, as crianças e os adolescentes aprendem a dar valor a sua cultura filtrando o consumo do que é imposto pela elite, como defende Michel de Certeau (1980), quando ele diz que, o importante em nossa sociedade é o uso que os meios populares fazem das culturas difundidas e impostas pelas elites produtoras de linguagem.

**Palavras-chave:** Cultura popular. Arte-educação. Educação não formal.

## Referências

ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.  
CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano – Artes de Fazer*. 18. ed. Campinas: Editora Vozes, 1980.

FRANCO, MLPB. *O “estudo de caso” no falso conflito que se estabelece entre análise quantitativa e análise qualitativa*. São Paulo: PUC, 1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SIMON, Roger; GIROUX, Henry. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: BARBOSA, Antônio; SILVA, Tomaz (Org.). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1994.

# **ARTE-EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR COMO PONTES PARA O RESGATE DE MEMÓRIAS DO BAIRRO ALTO DAS POMBAS: CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO INSTITUTO FATUMBI VIVENDO TRADIÇÃO**

RUTH MARINHO SANTIAGO PEDREIRA

Faculdades Integradas Olga Mettig / Professora da Rede Municipal de Ensino de Salvador

## **Resumo**

O relato a ser apresentado trata de atividades arte-educativas desenvolvidas com as crianças e adolescentes do Instituto FATUMBI em parceria com o Grupo de Pesquisa GRIÔ - Culturas Populares, Ancestralidade Africana e Educação, da Universidade Federal da Bahia/FACED, atividades estas vinculadas ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão Universitária (PIBIEX). Essas atividades envolveram, principalmente, abordagens da arte e cultura popular, lançando olhares para práticas de resgate de memória da cultura e pertencimento no bairro do Alto das Pombas, local sede do Instituto FATUMBI. Assim, relataremos também como a Arte-educação, inserida no universo da educação não formal, pode favorecer para um resgate e fortalecimento da cultura popular do local.

**Palavras-chave:** Cultura popular. Arte – educação. Educação não formal. Memória.



## RELATO DE VIVÊNCIAS DA CULTURA POPULAR NA UNIVERSIDADE: CAPOEIRAGEM NA UFBA

ÁBIA LIMA DE FRANÇA  
Graduanda em Educação Física – UFBA

AMÉLIA VITÓRIA DE SOUZA CONRADO  
Doutora em Educação e Professora da FACED - UFBA

### **Resumo**

Esta pesquisa traz vivências da prática da Capoeira na Universidade Federal da Bahia (UFBA), tomando como referência, o projeto-piloto: “Capoeiragem no Centro de Esporte da Universidade Federal da Bahia: a capoeira como possibilidade educativa”, que se desenvolveu nos anos de 2009-2014 articulando pesquisa-ensino e extensão, sob orientação de Amélia Vitória de Souza Conrado, professora do Departamento de Educação Física. Este trabalho tem como opção metodológica, a abordagem qualitativa, inspirada na metodologia da pesquisa-ação. A experiência da Oficina de Capoeira tem como princípio a convivência, a troca e o diálogo entre grupos de estudantes universitários e outras comunidades circunvizinhas à UFBA. A participação, a observação e o aprendizado na diversidade, foram imprescindíveis neste processo de construção didático-pedagógica. Como instrumentos de registros, utilizamos anotações, fotografias, filmagens, depoimentos dos integrantes da Oficina. Os resultados revelam que foi possível experimentar processos estéticos, de lazer, criatividade na perspectiva de produzir bases para metodologias de ensino-aprendizagem e pesquisa, oriunda da atuação em contexto que privilegie a cultura popular, os conhecimentos afro-brasileiros, como eixo de linguagem de comunicação, integração e produção acadêmica. Com isso, pode-se afirmar que o trabalho apresentou considerações acerca da relevância educativa, cultural e social da capoeira para os participantes do projeto, os capoeiristas, os pesquisadores e curiosos que se interessam pela temática.

**Palavras-chave:** Capoeira. Cultura Popular. Metodologia de ensino.

### **REFERÊNCIAS**

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. Campinas, SP: UNICAMP/CMU; Salvador: EDUFBA, 2005.

ARAÚJO, Paulo Coêlho de. *Abordagens sócio-antropológicas da luta/jogo da capoeira: de uma actividade guerreira para uma actividade lúdica*. Maia: Instituto Superior da Maia, 1997.

CARNEIRO, Edson. *Capoeira*. 2. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977. (Cadernos de Folclore I).

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor; SANT'ANNA SOBRINHO, José. O ensino da capoeira: por uma prática nagô. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 23, n. 2, p. 89-103, jan. 2002.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor; SANT'ANNA SOBRINHO, José. *Campos de visibilidade da capoeira baiana: As festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1995-1985)*. Brasília: Ministério do Esporte/ 1º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2010.

CONRADO, Amélia Vitória de Souza. *Capoeira de Angola e dança aro: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia*. 2006. 314 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

ESTEVES, Acúrsio Pereira. *A “Capoeira” da indústria do entretenimento: corpo, acrobacia e espetáculo para “Turista Ver”*. 2. ed. Salvador: Bureau, A.P. Esteves, 2011.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. O jogo da capoeira em jogo. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 27, n. 2, p. 59-74, jan. 2006.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. Para além das metodologias prescritivas na educação física: a possibilidade da capoeira como complexo temático no currículo de formação profissional. *Pensar a Prática*, v. 7, n. 2, p. 155-170, jul./dez. 2004.

FRANÇA, Ábia Lima de; LEIRO, Augusto Cesar Rios. Saber popular no espaço acadêmico: Capoeiragem na roda. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 64., 2012, São Luís. *Anais eletrônicos...* São Luís: UFMA, 2012. Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/livro/64ra/resumos/resumos/3118.htm>> Acesso em: 10 fev. 2014.

FRANÇA, Ábia Lima de; LEIRO, Augusto Cesar Rios. Capoeiragem na UFBA: Um diálogo pedagógico Inter(nacional). In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO SUL DA BAHIA, 1., 2011, Ilhéus. *Anais eletrônicos...* Ilhéus: UESC, 2011. Disponível em: <<http://gepefeufb.blogspot.com.br/p/publicacoes.html>> Acesso em: 10 de fev. 2014.

FRANÇA, Ábia Lima de. Capoeiragem no centro de educação física e esporte da UFBA: A capoeira como possibilidade educativa na universidade. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO SUL DA BAHIA, 1., 2011, Ilhéus. *Anais eletrônicos...* Ilhéus: UESC, 2011. Disponível em: <<http://gepefeufb.blogspot.com.br/p/publicacoes.html>>. Acesso em 10 de fev. 2014.

## CULTURAS POPULARES, FORMAÇÃO DOCENTE E EMANCIPAÇÃO

DANIELA BARROS  
FE/UnB

SAULO PEQUENO  
PPGE/FE/UnB

### **Resumo**

Esta pesquisa buscou perceber a relação do professor pedagogo com a cultura popular – elemento formativo da identidade em todas as suas dimensões e parte integrante e indissociável da História do Brasil. Entende-se aqui a cultura popular como o conjunto de manifestações e saberes das tradições culturais nacionais e como elemento agregador para a constituição de um saber emancipador (UNESCO, 1989), considerando o saber emancipador como princípio fundamental da práxis docente. As manifestações da cultura popular trazidas para a sala são apresentadas como fatos distantes do universo cultural dos alunos. São subtraídos de sua constituição os elementos de luta e resistência. Foi roubado das manifestações o seu caráter de movimento forte, combativo e contra-hegemônico. As formas de resistência, sobrevivência, criatividade e enfrentamento pelos quais passaram as manifestações tradicionais são esvaziadas, deixando de ser elementos de formação da consciência crítica dos alunos e das suas identidades, para serem apresentadas como produto, como espetáculo. (GARCIA-FILICE, 2007; CARVALHO, 2009) Os sujeitos não se reconhecem dentro da história, não identificam conexões, não percebem o contexto social e cultural onde estão inseridos como resultado de um processo histórico. Esse parcelamento da história fragmenta também a identidade e a percepção crítica da realidade, não possibilitando que aconteçam processos de aprendizagem. Essa lógica na qual a escola está inserida é descrita nas ideias de Illich (1985) como características de uma mentalidade escolarizada da sociedade. A pesquisa foi realizada durante um ano, financiada pelo PROIC/UnB/CNPq, e desenvolvida em uma Escola Classe do Distrito Federal através da aplicação de questionário aberto aos professores pedagogos. Foi realizada também análise dos dados da biblioteca sobre livros que abordam o tema da cultura popular, bem como das atividades identificadas pela escola como aquelas relacionadas com as culturas populares. Utilizando o método de análise de conteúdo referenciado em Bardin (2007). A pesquisa teve dois objetivos principais: a) investigar o trabalho desenvolvido com a cultura popular, e b) identificar o lugar da cultura popular na formação docente e a relação existente entre esta e a prática docente. Os resultados revelaram três apontamentos, a saber: a) os conceitos e percepções dos professores sobre cultura popular expressam um conhecimento superficial acerca da temática; b) o professor estabelece pouca intimidade com o conteúdo do tema desta pesquisa em sua formação, apesar da obrigatoriedade deste conteúdo no currículo da Educação Básica; c) entre as dificuldades encontradas na abordagem do tema durante o trabalho docente, percebeu-se que os professores entrevistados não compreendem a relevância da temática da cultura popular, especialmente afro-brasileira e indígena, para a formação emancipada dos seus alunos, como

a relação com suas identidades e a relação com o racismo, por exemplo. Estes resultados apontam para a necessidade de que haja uma imersão dos alunos e professores (e da comunidade escolar como um todo) dentro do universo das manifestações da cultura popular, proporcionando contato com a lógica e interpretação de mundo dessas manifestações. A compreensão das relações existentes nesses processos histórico-culturais gera o conhecimento emancipador quando respeitados os princípios que regem as dinâmicas das expressões culturais, ao invés de subjugar os processos de escolarização. Foi percebido, também, que durante a formação docente, espaços de maior contato com os saberes da cultura popular se fazem necessários, bem como espaços diversificados para experiências e práticas pedagógicas, ou seja, estágios e atividades de extensão que promovam o contato do professor em formação com o universo das culturas populares. A desconstrução da visão hierarquizada dos conhecimentos e uma apropriação crítica desse conteúdo – que dialogue com os demais aspectos da formação docente – pode refletir em ações emancipadoras e contra-hegemônicas na prática docente, fundamentais na constituição humana.

**Palavras-chave:** Culturas Populares. Formação Docente. Emancipação.

### **Referências**

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2007.

CARVALHO, J. J. Espetacularização e canibalização das culturas populares na América Latina. *Revista Antropológicas*, Recife, v. 20, 2009.

GARCIA-FILICI, R. C. *Identidade fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira*. Brasília: INEP, 2007.

ILLICH, I. *Sociedade sem escolas*. Petrópolis: Vozes, 1985.

NASCIMENTO, M. I. M.; SBARDELOTTO, D. K. A escola unitária: educação e trabalho em Gramsci. *Revista HISTEDBR*. Campinas, n. 30, p. 275-291, jun. 2008.

UNESCO. Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular. In: CONFERÊNCIA GERAL DA UNESCO, 25., Paris, 1989.

## **CURRÍCULO MOVENTE: A LEI Nº 10.639/2003 E AS PRESCRIÇÕES PARA AS RELAÇÕES ETNICORACIAIS EM EDUCAÇÃO**

SELMA MARIA BATISTA DE OLIVEIRA

Mestranda em Crítica Cultural, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.  
Bolsista CAPES.

MARIA NAZARÉ MOTA DE LIMA

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

### **Resumo**

Uma perspectiva pós-colonial exige um currículo multicultural que não separe questões de conhecimento, cultura e estética de questões de poder, política e interpretação. Ela reivindica um currículo descolonizado. Como resultado dos anseios sociais, fruto de uma longa luta dos movimentos negros, as Ações Afirmativas vêm materializar o desejo de muitos/as educadores/as que conviviam com um modelo de ensino pautado na cultura hegemônica, uma vez que não valorizava a identidade negra na formação histórico-cultural do Brasil. A pesquisa que ora se apresenta, ainda em fase inicial, busca dimensionar os resultados e as principais barreiras que dificultam a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, focalizando o deslocamento da comunidade escolar frente a um novo currículo em movimento. Através da pesquisa exploratória, o estudo será desenvolvido nas duas principais escolas da rede pública estadual da cidade de Guanambi-BA. Ensaando um movimento de deslocamento curricular, teoricamente respaldamos o estudo nas concepções filosóficas, pensando o método cartográfico e a forma rizomática de produzir saberes, a desmontagem do discurso e a quebra da linearidade temporal e histórica. Já no âmbito da crítica cultural e das relações étnico-raciais, destacamos a noção de violência discursiva, as teorias do currículo, os estudos de crítica cultural e a abordagem sobre cultura e identidade étnico-racial, com o intuito de compreender os movimentos curriculares que através da experimentação, é capaz de extrair da estrutura hegemônica de um currículo maior, um currículo menor, na qual as relações entre o heterogêneo se recompõem de diferentes modos e com múltiplas linguagens.

**Palavras-chave:** Currículo e Educação. História da Cultura Afro-brasileira. Lei 10.639/2003.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. Tradução de Iraci D. Poleti. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Contraponto, 1997..

BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília: MEC-SECAD/SEPPPIR /INEP, 2004.

BRASIL. *Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003*. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10.01.2003.

BRASIL. *Plano Nacional de Implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana*. Secretaria especial de Políticas de Promoção da Igualdade racial. Subsecretaria de políticas de Ações afirmativas. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. *Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais*. Brasília. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. MEC-SECAD, 2006.

CUNHA JUNIOR, H. Educação popular afro-brasileira. In: LIMA, I; ROMÃO, J. (Org.). Série Pensamento Negro em Educação nº. 05. SC: Editora Núcleo de Estudos Negros (NEN), 1997.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 7 – 37.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino Gomes (Org.). *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et. al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LIMA, Maria Nazaré Mota de (Org.). *Escola plural: a diversidade está na sala: formação de professores/as em história e cultura afro-brasileira e africana*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MOREIRA, Osmar. *Folhas Venenosas do discurso*. Salvador: UNEB, Quarteto, 2002.  
MOREIRA, Antônio Flavio; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o Racismo na Escola*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Hélio. Discriminação racial no Brasil. In: SABÓIA, Gilberto Vergne; GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (Org.). SEMINÁRIOS REGIONAIS. ALGUNS TERMOS E CONCEITOS PRESENTES NO DEBATE SOBRE RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL: UMA BREVE DISCUSSÃO PREPARATÓRIOS PARA A CONFERÊNCIA MUNDIAL CONTRA O RACISMO, DISCRIMINAÇÃO RACIAL, XENOFOBIA E INTOLERÂNCIA CORRELATA. 2001, Brasília. *Anais...* Brasília: Ministério da Justiça, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às Teorias do Currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.

SILVA, Tomas Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

# CAMINHOS DA ESCOLA: SABERES E FAZERES DA PEDAGOGIA GRIO'T E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CURRÍCULO FORMAL DA ESCOLA MUNICIPAL MALÊ DEBALÊ

EDMEIA NASCIMENTO

Professora da Rede Municipal de Ensino em Salvador

## Resumo

Este artigo pretende apresentar a proposta sugerida à Escola Municipal Malê DeBalê, através do projeto: “Caminhos da Escola: saberes e fazeres da Pedagogia Griô't e as relações étnico-raciais no currículo formal”, que tem como referência a educação para as relações étnico-raciais, através da pedagogia griô de tradição oral, dos valores afros e indígenas brasileiros (com base na Lei nº 11.645/08) e dos saberes e fazeres dos mestres e griôs. Proposta esta que inclui, encontros presenciais através de roda de contação de histórias, aulas espetáculos, encontro das idades e dos saberes, memória, ancestralidade, identidade, e afetividade, e que sugere a comunicação direta e a cooperação entre a escola e a comunidade, permitindo a presença dos caminhantes de tradição oral. O Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Malê DeBalê objetiva organizar os conteúdos em torno da vivência dos alunos, contando com as experiências que trazem da comunidade extraescolar. Além disso, possibilita que esses valores sejam trabalhados de forma interdisciplinar, promovendo a junção entre o saber de tradição oral e o saber sistematizado/científico e fortalecendo a identidade étnica sem deixar de localizar essas vertentes nos espaços geográficos, políticos, sociais e econômicos da Comunidade. A caminhada Griô na Escola Malê DeBalê acontece desde 2011, com o projeto “Caminhos da Escola: saberes e fazeres de tradição oral e as relações étnico-raciais”, que trabalha, entre outras coisas, o reconhecimento da cultura local com a presença dos griôs da comunidade (nas vivências com as rodas das idades e dos saberes), com música, dança e contação de histórias. O aprendizado se concretiza transversalmente pelo imaginário criativo através dos jogos, das brincadeiras, da troca de saberes e do coletivo. A escola enquanto ambiente de conhecimento prepara-se para o ritual do vínculo de aprendizagem. A partir dos princípios da pedagogia *Griô't*, a tradição oral se insere no projeto político pedagógico da Escola Municipal Malê DeBalê, a fim de viabilizar outras formas de aprender. A metodologia sugerida tem por princípios fundamentais os pressupostos da educação comunitária de Carlos Petrovich, as vivências e invenções pedagógicas de Vanda Machado, as referências da pedagogia Paulo Freiriana, as sistematizações e vivências da Pedagogia Griô -proposta pela Educadora Biocêntrica Lilian Pacheco – e a educação da relações ético-raciais para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação fundamental – da Secretaria de



Educação do Município de Salvador. Essa metodologia traz como pressupostos os valores civilizatórios com referência das culturas africanas (a circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, memória, ancestralidade, cooperativismo, oralidade, energia vital e a ludicidade). Este artigo aponta, portanto, alguns resultados das vivências da pedagogia griô de tradição oral na Escola Municipal Malê DeBalê, na busca por promover o diálogo entre a educação formal e a ancestralidade de matrizes africanas e ameríndias. Durante dois anos de sistematização foi possível vivenciar e constatar a importância da tradição oral como fonte de informação e aprendizagem e refletir sobre os caminhos possíveis a serem traçados entre a escola e a comunidade, entre os educandos e os mestres.

**Palavras-chave:** Pedagogia griô. Tradição oral. Memória

### **Referências**

CAVALCANTE, Ruth (Org.). *Educação biocêntrica: um Movimento de Construção Dialógica*. Fortaleza: Edições CDH, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MACHADO, Vanda. *Ilê Axé: vivências e invenção pedagógica: as crianças do Opô Afonj*. 2. ed. rev. atua. Salvador: EDUFBA; SMEC, 2002.

PACHECO, Lilian. *A pedagogia griô: a reinvenção da roda da vida*. 2. ed. Lençóis, BA: Grãos de Luz e griô, 2006.

# PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA COM A AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA E CULTURAL DE CRIANÇAS NEGRAS

HELOÍSA FERREIRA DA SILVA  
Mestranda - Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

## **Resumo**

Este trabalho baseia-se, nos estudos sobre a educação para crianças negras, com reflexões sobre a aplicação da Lei nº 10.639/03, que obriga o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira. É uma pesquisa qualitativa de campo que tem como público alunos/as do 4º ano de escolarização, da Escola Municipal de Salvador, Martagão Gesteira. A pesquisa desenvolve-se com uso de instrumentos como: diário de campo para descrever e observar as falas e gestos dos/as alunos/as em sala de aula, questionários para professora e diretora, máquina fotográfica. A análise dos documentos oficiais da legislação brasileira, as atuações do Movimento Social Negro, sobre o sistema de educação, também as principais referências teóricas de Ana Célia Silva, Ana Kátia Alves dos Santos, Marta Alencar, Nilma Lino Gomes, Flávia Damião, Eliane Cavalleiro e Vanda Machado fez rever caminhos percorridos para a efetivação de políticas, que incluam as crianças negras nas escolas, considerando as suas diferenças sociais, culturais e políticas. A Lei nº 10.639/03 que obriga o Ensino da História e Cultura africana e afro-brasileira foi instituída pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Um dos seus principais objetivos é combater o racismo, valorizar a autoestima e afirmação da identidade das crianças negras nas escolas. Para análise dos documentos legais sobre a educação brasileira, utilizo: a Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB); os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's); Referencial Curricular Nacional (RCN); Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana; Diretrizes curriculares para a inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana no sistema municipal de Salvador. Este estudo tem como objetivo geral, compreender como as crianças negras constroem a sua autoestima e afirmam as suas identidades, quando motivadas pelo Ensino da História e Cultura africana e afro-brasileira, nos objetivos específicos: analisar as manifestações de interesse das crianças pela história e cultura africana e afro-brasileira; enunciar a relevância do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira para a construção da autoestima e afirmação da identidade da criança negra; estabelecer um diálogo entre a imagem que a criança negra traz de si mesma e o ensino da história africana na escola. Nesta perspectiva temos o seguinte questionamento: dada que a Lei nº 10.639/03 tem o objetivo de afirmar a identidade e elencar autoestima de

crianças negras, perguntamos, através das reações delas, diante do Ensino da História e Cultura Africana e afro-brasileira como isso se dá na prática escolar? As outras dificuldades encontradas no trabalho de campo são equivalentes ao pouco entendimento que os profissionais da educação têm sobre o tema, as diretoras entrevistadas, dizem que a escola trabalha com Lei nº 10.639/03 a partir de um projeto, e ao entrevistar os/as professores/as, descobre-se que alguns trabalham o tema e outros/as não, por motivos diversos, inclusive por não compreenderem a necessidade destes conteúdos nas práticas de ensino e outros/as trabalham apenas nas datas comemorativas. Identificamos que a legislação brasileira trilha caminhos para inclusão das crianças negras nas instituições de ensino, e chegam até a Lei nº 11.645/08. Também, consideramos o quanto a mobilização coletiva das populações negras representada pelo Movimento Social Negro sempre foi importante para afirmação da identidade, cultural, histórica e social dos ascendentes de africanos. Considerei as respostas das crianças negras como principal resultado obtido por esta pesquisa, para dizer que a Lei nº 10.639/03 do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, possibilita que o dizer-se negro/a deixa de ser barreira para afirmação de identidade nas práticas escolares. Portanto, é comprovada a eficácia desta forma de ensino que possibilita o desenvolvimento de habilidades e competências exigidas pelo o Estado para o bom desempenho do/a aluno/a, pois a afirmação de identidade e a valorização da autoestima dos/as alunos/as negras/os está como princípio de sabedoria ancestral. Assim a repetência e evasão deixam de ser um dos principais problemas na educação brasileira, dando lugar aos problemas no sistema de ensino como: a organização do espaço, a formação de professores/as, a qualidade de materiais didáticos e as metodologias.

**Palavras-chave:** Legislação. Crianças negras. Educação. Africana.

## EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR: O ENSINO DE DIREITOS AUTORAIS

SAULO PEQUENO  
PPGE/FE/UnB

DANIELA BARROS  
FE/UnB

### Resumo

“Aí o que aconteceu... passou um tempo, [...] e chegou o camarada com o trabalho. Aí mostrou, e disse 'olha, é mil cópias', era tudo do cavalo marinho. Pegou direitos autorais [e de imagem], mandou a gente assinar o papel, a gente assinou, e tudo era do Cavalo Marinho. O projeto que tinha passado [em edital público de financiamento] era do Cavalo Marinho. E a gente assinou como pra vender, pra gente vender. Pensávamos que os DVDs vinham pra mão da gente. Aí quando ele chegou disse 'olha, o Cavalo Marinho só tem direito a 200 DVDS e o resto é meu, que eu falei com o advogado que não sei o que...' e antes ele não falou isso. Antes ele não falou isso. Aí quer dizer, traiu a confiança da gente [...]” (Risoaldo da Silva, filho de Mestre Biu Alexandre e integrante do Cavalo Marinho Estrela de Ouro, de Condado – PE, em entrevista concedida em 01/11/11.) O Cavalo Marinho é integrante das manifestações tradicionais da cultura popular. Estas são vivências coletivas, exteriorizadas de maneiras variadas, reconhecidas na música, dança, teatro, pintura, artesanato, etc. São indissociáveis em seu sentido e em sua maneira de performar das suas fundações ancestrais, espirituais e simbólicas. Muitas vezes a exteriorização dessas manifestações não distingue a separação destas “formas” tornando sem sentido, por exemplo, música sem presença de espiritualidade, dança sem música, música sem dança. Seus conhecimentos são transmitidos oralmente através das gerações, e por isso são mutáveis em relação às influências, reinterpretações e importância de determinados códigos durante o tempo. A gerência das manifestações dá-se de acordo com a dinâmica própria dos grupos, consolidada através das práticas ancestrais na sua auto-gestão e na manutenção das tradições (PEQUENO, 2012). A situação narrada é comum dentro do ambiente de produção cultural brasileiro (CARVALHO, 2009) Os mecanismos de direitos autorais, que regulam os contratos de produção cultural, permitem a exploração desigual das manifestações tradicionais da cultura popular pelos mais diversos agentes do mercado cultural como produtores, gravadoras, cineastas, e pesquisadores acadêmicos, entre outros. Apesar do crescimento Dos ambientes educativos em direitos autorais para preparar os agentes frente às produções e contratos culturais, o ensino de direito apresenta limites em sua proposta de ensino, em relação ao que se apresenta nas relações sociais concretas dos indivíduos. No ensino jurídico isso se traduz quando aprendemos artigo por artigo de leis, de vários ramos do

Direito, sendo que uma parte dessas normas já está ou estará em descompasso com a realidade social quando nos formamos. Mais do que isso, a própria organização de cursos dogmáticos baseados na estrutura e na pretensão de esgotamento de leis e grandes códigos reforça esse aspecto, claramente limitado, do ensino jurídico. Com esse dogmatismo, os cursos jurídicos têm formado profissionais incapazes de perceber a dimensão real dos problemas com os quais terão de lidar. (ALMEIDA et al., 2013, p. 21) Esta limitação não é pertinente somente ao campo do direito, mas a toda a mentalidade da sociedade escolarizada. Segundo Illich (1985) as instituições escolares levam o aluno a confundir ensino por aprendizagem, diploma por competência, fluência na fala pela capacidade de dizer algo novo. O ensino de direito, também fenômeno escolarizado, induz seus participantes, professores e alunos, a confundir seus cursos e leis com o preparo para deter o protagonismo sobre os seus direitos no mundo. Este estudo, em andamento como dissertação de mestrado no PPGE/FE/UnB, recorre às concepções educacionais libertadoras e aos fundamentos da psicologia histórico-cultural para desenvolver atividades com os detentores de tradições culturais que discutam e reflitam os direitos autorais. O objetivo é investigar transformações discursivas de detentores de manifestações tradicionais da cultura popular sobre o tema dos direitos autorais a partir de atividades educacionais libertadoras. Até o presente momento foi encontrado resultado parcial, a partir de entrevistas, que se refere à centralidade da categoria autoria. Os detentores de manifestações tradicionais da cultura popular não estão interessados em *conhecer o autor* das obras que detém, mas querem *reconhecer a ancestralidade e a profundidade simbólica* das suas práticas nas manifestações. Isto os coloca em rota de choque com a legislação que impõe a centralidade da autoria para o reconhecimento e agenciamento de direitos de propriedade intelectual. Este resultado servirá de base para o desenvolvimento das atividades pedagógicas subsequentes, necessárias para a conclusão do estudo proposto.

**Palavras-chave:** Educação. Cultura Popular. Direitos Autorais

## Referências

ALMEIDA, F.; SOUZA, A. L.; CAMARGO, S. B. Direito e realidade: desafios para o ensino jurídico In: GHIRARDI, J. G., FEFERBAUM, M. (Org.) *Ensino de direito em debate: reflexões a partir do 1º seminário ensino jurídico e formação docente*. São Paulo: Direito GV, 2013. (Série pesquisa Direito GV)

CARVALHO, J. J. Espetacularização e Canibalização das Culturas Populares na América

Latina. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. *Revista Antropológicas*, v. 20, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ILLICH, I. *Sociedade sem escolas*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1985.

PEQUENO, S. N. F. *Os direitos autorais e cultura popular brasileira*. Monografia 2012 (Graduação) - Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. 2012. 115 p. Disponível em <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4028/1/2012\\_SauloPequenoNogueiraFlorencio.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4028/1/2012_SauloPequenoNogueiraFlorencio.pdf)>.

## “A GENTE MORRE APRENDENDO E NUNCA SABE DE TUDO”: EDUCAÇÃO NO CONTEXTO KARIRI-XOCÓ

MAIARA DAMASCENO DA SILVA SANTANA

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia

### Resumo

Este ensaio tem como objetivo apresentar a proposta e alguns “dados” da pesquisa (em andamento), desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, a qual busca refletir sobre a educação Kariri-Xocó, imbricada a sociocosmologia nativa, sem a qual não seria possível discutir como se configura a educação nesta sociedade, tendo como ponto emblemático o segredo do Ouricuri, inacessível aos *cabeça seca* (não-índios). Utilizamos a abordagem qualitativa e a inspiração etnográfica, através do método da observação participante e das técnicas de entrevista aberta e conversação (MATURANA, 1999), para alçar compreensões sobre a educação Kariri-Xocó, apreendendo-a para além do contraponto da dimensão escolar. Desse modo, é relevante saber o que pensam os Kariri-Xocó sobre a educação que acontece na escola e fora dela e como vivenciam os espaços da aldeia. A população Kariri-Xocó possui aproximadamente 2.300 pessoas; localiza-se no município de Porto Real do Colégio, no estado de Alagoas, região do baixo São Francisco, que faz divisa com a cidade de Propriá/Sergipe. A denominação Kariri-Xocó surgiu há aproximadamente 100 anos, decorrente da fusão das duas etnias Kariri e Xocó, devido à expulsão deste último do seu território na Ilha Fluvial de São Pedro, em Porto da Folha/ Sergipe. Assim, os Kariri-Xocó situam-se na área etnográfica do Nordeste brasileiro, a primeira a ser invadida, explorada e aldeada, durante o período de colonização. Esse é um ponto crucial para explicar a diferença fenotípica, linguística e territorial, entre os povos indígenas localizados no Nordeste e o contingente populacional que ocupa hoje a região da Amazônia, alvo mais recente de exploração. No que diz respeito ao aspecto educacional, os Kariri-Xocó afirmam serem ricos em metodologias ao considerar que trabalham com os conhecimentos de dois mundos distintos: o do branco e o seu próprio. Expõem que embora os brancos estudem sobre eles, não poderão conhecê-los em profundidade, pois não é permitido a eles viver o sagrado, que é justamente o ápice da vivência Kariri-Xocó. Tal referência diz respeito ao ritual do Ouricuri. O Ouricuri refere-se tanto à palmeira *Syagrus coronata*, planta nativa da região Nordeste do Brasil, quanto ao espaço territorial, no entanto o Ouricuri é mais que um espaço territorial, é um espaço cosmológico de vivência xamânica, é o espaço do sagrado, é o local de busca da força

existencial, da proteção e da paz de espírito. Os Kariri-Xocó dizem que ao adentrar no Ouricuri, deixa-se metade dos seus pecados do lado de fora. Quando a criança nasce ela é logo iniciada no ritual do Ouricuri. O papel dos mais velhos é destacado nas falas de muitos Kariri-Xocó, que chegam a chamá-los de Guardiões da história, como fundamental para a existência do grupo, enquanto que o papel das crianças, não menos importante, é o de continuidade dos conhecimentos Kariri-Xocó. Esse trabalho, considerada o “ponto de vista do nativo” (GEERTZ, 1997), tornando-se, assim, relevante para o campo educacional, uma vez que aponta para outras noções de educação, outras pedagogias, e, portanto, outras formas de saberes.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Educação. Kariri-Xocó.

## Referências

- GOHN, Clarice. Os processos próprios de ensino e aprendizagem e a escola indígena. *Cadernos de educação escolar indígena – 31º grau indígena*. Barra do Burgues: UNEMAT, v. 3, n. 1, p. 94-111, 2004. .
- GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 85-107.
- MATURANA, Humberto. A ontologia do conversar. In: MAGRO, Cristiana; GRACIANO, Miriam; VAZ, Nelson (Org.). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. p. 167-181.
- NUNES, Eduardo Soares. Aldeias urbanas ou cidades indígenas? *Revista Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 9-30, 2010.
- SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In: OLIVEIRA FILHO, J.P. (Org.). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1987. p. 2–19.
- TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz; GOBBI, Izabel. Políticas públicas e educação para indígenas e sobre indígenas. *Revista Educação*, Santa Maria, v. 34, n. 1, p. 95-112, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacao>>
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. *Boletim do Museu Nacional*, n. 32, p. 40-49, 1979. (Série Antropologia).



## EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, ORALIDADE E MEMÓRIA: O CONTEXTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL PAULISTA

LÍVIA MORAIS GARCIA LIMA

Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP na área de Ciências Sociais na Educação – DECISE e bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP

### Resumo

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a contribuição da educação não formal nos estudos sobre o patrimônio e as ações de educação patrimonial em fazendas históricas paulistas. As questões aqui problematizadas fazem parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, na qual o patrimônio é explorado como espaço turístico educacional dentro de uma visão da educação não formal no contexto rural, voltado para o público idoso, de formações educacionais e classes sociais diversas. A pesquisa sobre o patrimônio cultural rural paulista se torna um trabalho sobre a utilização dos bens culturais como fonte de lazer e turismo, possibilitando um exercício de sensibilização para a valorização dos espaços rurais, a partir da análise das representações dos sujeitos e seus papéis, o imaginário rural, e da decodificação dos valores existentes naquele espaço. A presente pesquisa utiliza uma metodologia de caráter qualitativo com ênfase no método biográfico ou na metodologia da História Oral, em associação com registros em diário de campo e a produção de registros fotográficos dos trabalhos de campo realizados. Para dar conta dos objetivos propostos realiza-se uma comparação entre três fazendas históricas paulistas, cujas atividades educacionais e turísticas se apresentam diversificadas, segundo três tipos de propriedades já diagnosticados: em preparação para assumir atividades turísticas, turismo de habitação e hotel – fazenda. Em relação aos depoentes da pesquisa, houve a priorização dos visitantes adultos e idosos, tanto homens quanto mulheres na fase de coleta de dados, porque no projeto percebo que o que busco é o prazer de conhecer os patrimônios materiais e imateriais, em um processo de autoconhecimento dos sujeitos observados que só acontece depois da idade adulta. Por isso crianças e adolescentes que visitam as fazendas históricas, levados por uma exigência do currículo formal, não se coadunavam com o objetivo principal da pesquisa. A maioria dos depoentes idosos nasceu no meio rural ou reside em espaços rurbanos.<sup>1</sup> Assim, a visita às

---

<sup>1</sup> O neologismo — rurbanos ou rurbanização — foi empregado por Gilberto Freyre (1982), para definir uma comunidade que habita um perímetro conceitualmente definido como urbano, mas que na realidade continua mantendo suas características rurais. São cidades com menos de 10 mil habitantes conforme o grau de densidade de ocupação humana nesse perímetro, urbano ou não urbano. Assim como afirma o autor, o conceito de rurbanização é: Um processo de desenvolvimento socioeconômico que combina, como formas e conteúdos

fazendas históricas foi norteada por histórias da “roça”, por menção a receitas feitas no fogão à lenha, pelo reviver de lendas e histórias antigas e até pela emoção de velhos que, tendo residido na década de 1950 em uma fazenda selecionada pela presente pesquisa, trabalhando como leiteiro e carpinteiro, até o momento da presente visita nunca tinha entrado na casa sede da propriedade. No final da visita, os idosos se sentiram muito valorizados pela atenção que os guias da propriedade ofereceram a eles, e pelo privilégio de um café servido no salão principal da casa sede. Embora fiquem nítidas, através da fala dos meus informantes, as diferenças socioeconômicas e culturais entre os diversos grupos observados, a visita às fazendas parece representar para todos eles um momento de prazer, adquirindo significado de extrema importância para o idoso, porque pode representar a fuga da rotina e do isolamento ou até a concretização de um sonho, que pela ruptura do cotidiano amplia horizontes históricos e possibilidades de convivência social. As experiências das visitas que acompanhei durante o trabalho de campo, demonstraram que a conservação do patrimônio cultural rural pode ser entendida, sobretudo, como uma consequência do turismo cultural e da educação patrimonial não formal. Sendo assim, a atividade turística pode contribuir no sentido da valorização da cultura rural como um todo, através do patrimônio material (patrimônio arquitetônico) e do imaterial (saberes e fazeres). Além disso, é necessário considerar, de forma especial, os grupos menos favorecidos quanto à escolaridade e renda, nos quais imagens negativas em relação à velhice são mais comuns. Dessa forma, a cultura popular ou os sujeitos que se enquadram diretamente no processo da atual pesquisa, juntamente com o rural e a oralidade, são aspectos importantes do papel do griô.

**Palavras-chave:** Educação não formal. Oralidade. Memória.

### **Referência**

FREYRE, Gilberto. *Rurbanização: o que é?* Recife: Massangana, 1982.

---

de uma só vivência regional – a do Nordeste, por exemplo, ou nacional -a do Brasil como um todo – valores e estilos de vida rurais e valores e estilos de vida urbanos.

## EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NO BRASIL

EDUARDO DAVID DE OLIVEIRA

Coordenador do Programa de Pós- Graduação em Difusão do Conhecimento FAGED - UFBA

### **Resumo**

No ano de 2012, foi aprovada as Diretrizes Nacionais da Educação Quilombola no Brasil. Em 2013, foi a vez da Bahia aprovar suas Diretrizes Estaduais da Educação Quilombola. Houve uma intensa mobilização popular por parte dos quilombolas e professores de áreas de quilombos, bem como de movimentos sociais e setores do governo. Este trabalho visa refletir sobre as conquistas e as lacunas dessa mobilização que resultou na aprovação das Diretrizes, e considerar alguns conceitos fundamentais para a consolidação da luta quilombola.

**Palavras-chave:** Educação Quilombola. Mobilização Popular. Educação das relações etnicorraciais.

## GARIMPANDO SONHOS: GRIÔS DE RIO DE CONTAS

FLÁVIA PIRES PACHECO LOPES

Graduanda em Teatro (UESB), licenciada em Letras vernáculas (UESB), professora da Rede Estadual de Ensino (BA), Arte - educadora, Griô aprendiz, Bonequeira, artesã, coordenadora do Projeto Oficina de Sonhos e Bonecos.

### Resumo

*“Pra começo de conversa / Peço a bênção aos mais velhos / Que me dão sabedoria / Pra brincar com esses versos” (Márcio Caires – Velho Griô)* Este projeto resulta das minhas andanças como educadora e Griô aprendiz, caminhadas que permeiam temas como arte, cultura, identidade e educação, que configuram relações dentro e fora da sala de aula; com o propósito de integrar os saberes da tradição oral ao ensino formal, a fim de fortalecer a identidade de meus alunos e da comunidade e ao mesmo tempo promover o registro desses saberes, de forma não convencional, através de vivências de tradição oral, entrevistas, produção de biografias, cordéis e vídeos com a história de vida dos Griôs e mestres propondo uma aproximação do “chão de sala de aula” com a cultura autêntica do povo riocontense, reverenciando esses sábios da nossa cultura, fortalecendo a ancestralidade e a identidade do povo por meio do reconhecimento político, econômico e sócio cultural dos Griôs brasileiros. As atividades que compõem esse projeto foram realizadas no Colégio Estadual Carlos Souto, com duração de um ano letivo e coordenadas pela professora Flávia Pacheco, contando com o apoio da direção e dos demais professores desta Unidade Escolar e resultou na conquista do “Prêmio Griô na Escola na Internet e na TV (2012)”, promovido pela Ação Griô Nacional, com a produção de um Inter programa juntamente com outros projetos na Bahia. *“Eu me soltei com as cantigas de roda, e lembrei de minha avó”*.(Andressa Nunes - estudante)

# GESTÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO E ANÁLISE COGNITIVA INVESTIGANDO A RELAÇÃO ENTRE UMA COMUNIDADE EPISTÊMICA E UMA COMUNIDADE TRADICIONAL

ALESSANDRA DOS SANTOS DE JESUS  
Universidade Federal da Bahia

## **Resumo**

Este projeto visa a contribuir para a (in)formação da bolsista como pesquisadora, através de complementação do currículo de graduação com experiências que incluem pesquisa bibliográfica, prospecção em campo empírico e contraste entre referenciais teóricos e informações do campo empírico. O objetivo geral é desenvolver competências sociocognitivas para a gestão social do conhecimento e para a análise cognitiva, tendo como foco a produção do conhecimento acadêmico-científico por uma comunidade epistêmica (CEP) e formas de difusão deste conhecimento para uma comunidade tradicional (CTR), buscando transduzir conhecimento epistêmico em conhecimento comum. Identificando meios tecnológicos – concretos e virtuais como elementos mediadores destas formas de produção e difusão. Esse estudo envolveu os seguintes processos: prospecção do complexo conteúdo/processo/interação que se pode apreender nessas relações de produção procurando identificar o que, como, através de que ferramentas e em que interações intersubjetivassem que esse complexo gera, compartilhando e difundindo em termos de conhecimento; a participação em círculos de conversas e oficinas pedagógicas, visando a compreender como a CEP direciona esses meios de difusão para a CTR; entrevistas a membros dessa comunidade para capturar significados, sentimentos, emoções, posturas éticas e escolhas estéticas nesta CEP em relação ao direcionamento indicado; entrevistas a membros da CTR sobre a recepção dos meios construídos pela CEP; a análise contrastiva dos achados da prospecção realizada, organizados segundo áreas de significação definidas com os participantes das comunidades estudadas. Este projeto visando à compreensão da gestão social do conhecimento tendo como foco o respeito étnico-racial e como eixo de orientação teórico/metodológico a análise cognitiva tem como embasamento epistemológico a multirreferencialidade, a qual apoia a visão de que se aprende tanto em comunidades acadêmicas como tradicionais, não havendo um único espaço de aprendizagem, isto é, tanto no científico como nos saberes desconhecidos e distantes da academia, os de herança cultural que estão em risco de serem perdidos em cada geração. A metodologia utilizada de estudo é a etnopesquisa-ação-formação, sendo baseada nesses espaços multirreferenciais. Nesse processo da construção do conhecimento nas comunidades pesquisadas em que cada uma com sua especificidade ajuda à outra, portanto

não existe um saber único. Sendo assim a comunidade tradicional Grupo Nzinga de Capoeira Angola (CTR) e a comunidade epistêmica (CEP) Grupo CAOS - Conhecimento: Análise Cognitiva, Ontologia e Socialização têm maneiras distintas em construir o conhecimento. A CTR ela utiliza a oralidade para expressar os saberes que foram aprendidos com seus mestres, em sua história de vida da Capoeira Angola, a sua cultura com os instrumentos, a ginga, a maneira de tocar, suas posições na orquestra, o respeito, o étnico-racial. Para aprender são exercícios e atividades com o corpo, na prática de gestos no qual o aprendiz imita o que está sendo ensinado com atenção e dedicação, sendo o que não for entendido se repete o movimento ou explica pela oralidade. E em cada treino e roda de capoeira eles vão aperfeiçoando sua ginga, seus movimentos, seu repertório musical das ladainhas de capoeira e do ritmo. No CEP existe também oralidade, mas a construção do conhecimento se dá exclusivamente por teóricos nomeados naquela área, não é exercitada tanto na prática como a CTR. Porém, cada teórico ajuda termos uma base do que foi pesquisado daquele assunto, quais são as concepções, levando a ter uma dialética da teoria com a prática. Assim os integrantes são os graduandos, os mestres, doutores em cada um defende o seu ponto de vista em relação a cada área, podendo ser dicotômicos ou dialéticos. Sendo assim o conhecimento se dá na integração desses saberes tanto do CTR como do CEP, em que cada um é preciso no processo de ensino-aprendizagem, a multirreferencialidade. Além de participar do Cine Clube no processo de ensino-aprendizagem na reflexão crítica e social; do V CISP: Colóquio Internacional Saberes, Práticas (Tema: (Com) Vivências: Estéticas e Tecnologias.) e da Cartilha - Rirantí: Memórias e Histórias do Grupo de Mulheres do Alto das Pombas.

**Palavra-chave:** Análise cognitiva, Conhecimento, Educação.

**AS RESSONÂNCIAS DE UMA REPARAÇÃO TARDIA: A EXPERIÊNCIA  
DOCENTE DIANTE DO ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E CULTURA AFRO-  
BRASILEIRA EM ESCOLAS PÚBLICAS NO BAIRRO DA LIBERDADE-  
SALVADOR, PERSPECTIVAS E DESAFIOS APÓS DEZ ANOS DA LEI Nº 10.639**

MÁRIO LOPES DOS SANTOS NETO  
Mestrando em Educação – UFBA

**Resumo**

Ao analisar o campo das relações étnico-raciais no Brasil na contemporaneidade podemos constatar um crescente protagonismo da população negra em relação a representatividade política, social e econômica pouco mais de cem anos após a abolição da escravatura. Das muitas frentes de luta empreendidas pela população negra no Brasil contra a discriminação racial e por igualdade de oportunidades e direitos, podemos destacar a Educação como um dos mais representativos campos de atuação, por esse se instituir enquanto locus privilegiado de formação intelectual e humanístico, tendo um forte potencial no que diz respeito à construção da cidadania e quebra de preconceitos. Seguindo essa perspectiva segundo Nilma Lino Gomes (2006, p. 146) “Não há como negar que a educação é um processo amplo e complexo de construção de saberes culturais e sociais que fazem parte do acontecer humano. Porém, não é contraditório que tantos educadores concordem com essa afirmação e, ao mesmo tempo, neguem o papel da escola no trato com a diversidade étnico-racial? Como podemos pensar a escola brasileira, principalmente a pública, descolada das questões raciais que fazem parte da construção histórica, cultural e social desse país? E como podemos pensar as relações raciais fora do conjunto das relações sociais?”. Reconhecendo tal potencialidade, levando em consideração o espaço escolar e os profissionais da educação, sobretudo os professores, enquanto responsáveis pelo tratamento e problematização das questões étnico-raciais no âmbito educacional em nosso país, torna-se necessário refletir sobre as ações educacionais quem vem sendo tomadas nesse sentido. É justamente nessa perspectiva que o presente trabalho toma forma, temos como objetivo acompanhar e analisar as experiências de professores da Escola Celina Pinho bairro do Curuzu/Liberdade diante da Lei nº 10.639<sup>2</sup> de 2003, uma lei sem precedentes na história da educação no Brasil que determina a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados no Brasil. Buscando acompanhar o desenvolvimento da lei em seu campo de atuação real, nas escolas, principalmente as públicas, eis que surge a necessidade de pensar a 10.639/2003 para além de suas atribuições legais, mas partir para o campo das experiências reais dos docentes,

---

<sup>2</sup> A Lei 10.639 está disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>

contextualizando essas experiências com a realidade escolar e a realidade da comunidade do Curuzú, buscamos compreender a partir da perspectiva docente, o que de fato tem sido feito para que a lei não se torne “letra morta? Nesse sentido temos como objetivos principais nesse trabalho primeiramente identificar as condições de aplicabilidade da Lei nº 10.639 a partir da experiência docente na escola Celina Pinho situada no bairro do Curuzu/Liberdade, contextualizar a emergência da lei na comunidade do Curuzu/Liberdade, organizar um painel de informações concedidas por professores visando identificar suas propostas e iniciativas e os principais desafios diante da aplicação da lei. Essa pesquisa de natureza qualitativa, tem na etnografia o seu principal método, na fenomenologia crítica e na etnometodologia suas bases epistemológicas de compreensão da realidade. Os nossos resultados parciais apontam para uma realidade onde escola e comunidade tentam interagir no sentido de potencializar as características históricas, sociais e culturais da população negra. A inegável herança afro-brasileira existente na comunidade do Curuzú manifestada, principalmente, através da cultura, não tem a mesma potencia de algumas décadas atrás, mas ainda dinamiza de forma significativa a vida social e cultural do bairro e conseqüentemente da escola Celina Pinho.

**Palavras-chave:** Educação Étnico-racial. Professores. Afrodescendentes.

## Referências

BRASIL, Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, outubro, 2004.

GONÇALVES, Petronilha Beatriz. *Pensamento negro em educação no Brasil: expressões do movimento negro*. São Carlos: Ed. da UFSCar, 1997.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação*. 2. ed., Brasília: Líber Livro Editora. 2010. 179 p. (Série pesquisa, v. 15)

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.



# **MARIAS DO MANGUE, MARIAS EM “MARÉ”: RESGATANDO HISTÓRIAS PARA RESSIGNIFICAR O PROTAGONISMO DE MULHERES MARISQUEIRAS NOS MOVIMENTOS POPULARES**

SANDRA TEREZA DE FREITAS  
Estudante de Pedagogia – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

CLEZILDA BORGES DOS SANTOS  
Graduada em Pedagogia - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

MIRELA DE SOUSA BORBA  
Graduada em Ciências Sociais – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

## **Resumo**

Empoderar-se do conhecimento sobre a história da participação de mulheres negras em expressões coletivas, sinaliza para os sentidos e significações que devem dimensionadas para a construção de autoimagens positivas emergindo para o fortalecimento da identidade e da valorização da autoestima em detrimento das configurações subalternizadas que foram engendradas sob a ótica patriarcalista e branca. Entretanto, a desconstrução desta ótica perpassa pela redefinição destes lugares, onde as vozes dos sujeitos são ecoadas como estratégias de multirreferencialidade e formas de resistência. A partir de experiências acadêmicas vivenciadas entre maio a dezembro de 2011 nas comunidades tradicionais da pesca artesanal, especificamente, com o foco de atenção para o município de Madre de Deus - Bahia, a pesquisa utilizou-se do método etnográfico, no qual a aproximação com a realidade vivenciada pelos sujeitos, no tocante, a valorização dos saberes populares com a cultura de subsistência do pescado, assim como, o enfrentamento as nuances dos papéis de gênero, concluiu-se a importância dessas mulheres negras, cujo engajamento político e intelectual, lideram outras mulheres marisqueiras e homens pescadores para a formação política destes/as, enquanto sujeitos dignos de direitos sociais. No universo da pesca, as especificidades nas contradições de gênero são bem perceptíveis quanto a lida diária com o pescado no ambiente de trabalho e a obtenção de renda entre homens e mulheres. O mangue, é simbolizado como a extensão do espaço privado, assim sendo caracterizado como um ambiente tipicamente feminino aliado ao acompanhamento e cuidado com os/as filhos/as. Por outro lado, o alto mar representava o ambiente de domínio da masculinidade, portanto, conferindo aos pescadores, a coleta de peixes de grande porte, ao contrário de as marisqueiras, que ainda eram prejudicadas em casos de derramamento de óleo no mangue. Portanto, há que

se destacar em a Liderança feminina de Maria Zilda através da Associação de Pescadores e Marisqueiras (APEMAC), empreende com muita sabedoria alguns esforços para dá visibilidade ao trabalho com a pesca artesanal, destacando o pioneirismo delas na retirada de carteiras de habilitação de barcos pesqueiros, com o reconhecimento da Marinha do Brasil. As grandiosas ações de Maria Zilda, mulher marisqueira de Madre de Deus, têm a multirreferencialidade nas lutas e nos movimentos populares dentro de contexto históricos e sociais brasileiros, em que os ideais de liberdade, justiça e igualdade de direitos são ecoados pelas vozes e corpos de mulheres negras, a saber: Maria Oliveira Felipa. Descendente de escravos sudaneses, mulher marisqueira da Ilha de Itaparica – Bahia, a sua audácia e autodeterminação, aliada ao exímio conhecimento sobre o mar Itaparicano, contribuíram para a articulação e triunfo na luta pela Independência da Bahia, em 1822. Conforme a Historiografia baiana, a sábia guerreira liderou um grupo de 40 mulheres contra o poderio militar português, utilizou-se de estratégias altamente inteligentes, que consistiam na sedução dos soldados, que despidos, passaram a surrá-los com as folhas de cansaço,<sup>3</sup> como também, elas atearam fogo nas embarcações portuguesas. Entretanto, a identidade de mulheres marisqueiras e o prestígio atribuído a sua luta nos movimentos sociais, não é legitimado nos currículos escolares e acadêmicos, tampouco, as suas referências são contempladas nas comemorações da Independência da Bahia. Para tanto, a fundamentação epistemológica em estudos de Dantas (2010), Freire (1992; 2006), Gomes (2012), Hall (2004), além de achados em bibliotecas virtuais como a *Biblioteca Virtual 2 de Julho*; a *Fundação Palmares*, o *Museu digital do Ceafro* e outros, faz-se necessário resgatar a história e a cultura das nossas ancestrais, à medida em que os seus ideais permanecem vivos em cada uma de nós, mulheres negras, quando desconstruirmos os estereótipos de mulheres “anônimas” e “invisíveis” buscando ressignificar o papel enquanto ser que luta e (re)constrói a própria história.

**Palavras-chave:** Marisqueiras. Identidade. Emancipação.

---

<sup>3</sup> Conforme a sabedoria popular é uma folha alongada repleta de espinhos que são capazes de irritar e ferir a pele.

## MOVIMENTO CULTURAL NA COMUNIDADE DE ITAPUÃ

DÉBORA MATOS MAIA  
Doutoranda em Educação-UFBA

### **Resumo**

A inspiração desta pesquisa surge no mestrado, quando escrevo sobre a Festa da Lavagem de Itapuã. Desde então, investigo como o bairro de uns anos para cá vem demonstrando um fortalecimento cultural muito grande, mesmo em tempos de globalização. A comunidade Itapuanzeira – como gostam de ser chamados os moradores, tem buscado resistir com suas tradições como também inovar com práticas culturais diferenciadas. Parece existir uma rede comunicacional entre os Itapuanzeiros que busca valorizar a cultura popular local, contando e recriando na atualidade a história do lugar. As mulheres do bairro merecem destaque, pois possuem uma grande participação nesse movimento e se não fossem elas unindo-se para manter algumas tradições locais e engajadas na transmissão dos saberes culturais dos Itapuanzeiros anos atrás, talvez o lugar se transformasse em um outro bairro, sem uma identidade característica e própria. Um exemplo é o que acontece na Festa de Itapuã com o “Café Nativo”. Este surgiu da iniciativa de Dona Nissú – senhora importante para o bairro e membro do grupo Mantendo a Tradição, hoje falecida, buscando retomar o sentido inicial da Lavagem que estava se perdendo com a chegada dos trios elétricos, tomando outro rumo. A sua iniciativa virou uma tradição e hoje seus filhos mantêm o ritual, em que logo no raiar do dia homenagens a Nossa Senhora da Conceição são feitas na frente da Igreja, suas escadarias são lavadas e em seguida os participantes seguem para tomar o café da manhã gratuito e coletivo, organizado e ofertado pela comunidade. Ações como essa de valorização identitária têm acontecido por toda a comunidade de Itapuã, nas escolas, instituições e grupos, dando corpo a esse movimento cultural que se inicia no passado, mobilizando mais pessoas a cada dia a partir de raízes da resistência plantadas no passado. Frutos têm brotado no presente e cada ação isolada alinha-se com o mesmo movimento cultural voltado para a valorização da identidade Itapuanzeira. Nesse sentido, a pesquisa de doutorado intitulada “Educação, Identidade e Movimento Cultural na Comunidade de Itapuã” busca compreender as experiências de sujeitos, grupos e instituições do bairro de Itapuã que têm demonstrando um protagonismo social, político e educativo junto às mobilizações culturais locais. Pretende-se estudar as ações em rede de sujeitos, grupos e instituições que se valem do seu fazer cultural e criam a sua própria lógica, que possuem seus processos criativos próprios, utilizando-se dos

seus saberes tradicionais e suas construções identitárias para demarcar um modo de pensar, discutir, agir, ensinar e aprender. Este trabalho encontra-se em andamento e tem como objetivo principal compreender o movimento cultural na comunidade de Itapuã que tem mobilizado escolas, instituições, grupos culturais e pessoas do lugar, tendo como foco os processos educativos e identitários. Metodologicamente tem inspiração na etnografia e na pesquisa participante, que buscam descrever para compreender utilizando ferramentas como a observação participante, diário de campo, filmagens, entrevistas semiestruturadas, análise de documentos, bate papos informais etc. Pretende-se com isso desenvolver conceitos que possam explicar esses “novos movimentos culturais” que tem surgido não somente em Itapuã, como também em outros lugares.

**Palavras-chave:** Educação. Identidade. Movimento Cultural. Itapuã

## Referências

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. São Paulo: Copright, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

MAIA, Débora Matos. *Educação e identidade: a reconstrução cultural da Festa de Itapuã*. 2012. 189 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2012.

SANTOS, Milton. *Por Uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

URIARTE, Urpi. O que é fazer etnografia para os antropólogos?. Ponto Urbe – *Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, São Paulo, n. 11, ano 6, dez. 2012.

## COESÃO PEDAGÓGICA: UMA MEDIAÇÃO CULTURAL E SOCIAL NO MUSEU DA CIDADE DO SALVADOR

CARLA FABIANNY RAMOS SALES  
Doutoranda em Educação Musical na ULSHP-França

### **Resumo**

A proposta deste estudo é descrever a práxis do arte-educador e suas influências como mediador cultural e social no Museu da Cidade do Salvador. Origina-se das experiências e vivências neste espaço específico onde se constatou que a coesão pedagógica entre o museu e as instituições de ensino básico é imprescindível para o programa de mediação cultural. Surgiu da necessidade de um assessoramento específico e ordenação, no qual se avalia as possibilidades para que o Museu interaja com as escolas. Passa-se então a contar com a figura do arte-educador que é de fundamental importância como mediador, auxiliando o professor, para que sua ação arte-educativa seja constantemente aprimorada. Temos, como objetivo geral, compreender a influência do arte-educador como mediador cultural no cotidiano das atividades propostas pelas instituições de ensino básico. O caminho metodológico está pautado em pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, com base na observação das dimensões prática e teórica do espaço museal. O referencial teórico é fundamentado em Ana Mae Barbosa que recomenda a inserção da arte-educação como mediação cultural e social, em Paulo Freire que sugere o uso da cultura afro-brasileira para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem e em Duarte Júnior que incorpora às artes a educação detendo-se no indivíduo e numa educação sensível, realizada através do conhecimento tácito. Ambos sugerem o uso da cultura popular para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem e ampliação de aptidões com ênfase sobre a metodologia da arte-educação.

**Palavras-chave:** Cultura popular. Arte-educador. Mediação.

## NAS TRILHAS DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA: TRADIÇÃO, ORALIDADE, MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE

LUCIANA DE ARAÚJO PEREIRA  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

### **Resumo**

Nos dias atuais, a escrita impõe-se como meio de criação e transmissão de conhecimento. Contudo, neste contexto no qual se faz necessário oferecer uma ferramenta que possa garantir maior autonomia aos membros de uma sociedade centrada na transmissão escrita de conhecimento, é importante a revitalização da oralidade como espaço privilegiado de transmissão de experiências/conhecimento por configurar um processo no qual a própria narração da história de vida dos sujeitos envolvidos nesta ação se apresenta como ferramenta fundamental para transmissão de saberes, valores, crenças, etc., contribuindo, desta forma, para a manutenção da cultura local, da identidade e da memória coletiva de um grupo. No intuito de abordar a importância da revitalização do diálogo e da troca de conhecimentos com base nas experiências dos mestres e griôs de Remanso/BA com a tradição oral a partir das suas histórias de vida, utilizamos nesta pesquisa, cuja abordagem é de natureza qualitativa, o método de pesquisa a História de Vida. Como técnica de coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada e como procedimento de análise de dados apreendidos das Histórias de Vida dos sujeitos participantes deste estudo adotamos a Análise de Conteúdo Temática proposta por Laurence Bardin (2004). No ato de rememorar as histórias de vida, os quatro colaboradores apresentaram suas narrativas, evocando um passado (re)visto pela perspectiva de um momento presente. Nessas histórias, falaram da família, da comunidade, dos saberes construídos, dos fazeres, da fé, dos valores, dos mitos, elementos que, reforçados pela tradição oral resistem diante das transformações impostas por uma sociedade globalizada e convivem paralelamente outro tipo de oralidade (a dos meios de comunicação, por exemplo).

**Palavras-chave:** Tradição Oral. Identidade cultural. Memória coletiva.

## NOITE DOS TAMBORES – ENCONTRO DE PERCUSSIONISTAS

GABRIELA GONÇALVES DE MESQUITA

Aluna da Licenciatura em Música/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

JOSÉ EVERTON ROZZINI

Professor do Departamento de Música CA/UFPeI, orientador-coordenador

### **Resumo**

O Programa de Extensão em Percussão da Universidade Federal de Pelotas (P.E.P.E.U.) se destaca como pioneiro do Centro de Artes da Universidade. Seu principal objetivo é criar um elo entre a comunidade acadêmica e a cultura popular, promovendo espaços de práticas e reflexões sobre esses saberes interpostos. Dentre as diversas atividades propostas pelo Programa, esta escrita busca relatar e refletir, simultaneamente, sobre as edições da intervenção denominada “Noite dos Tambores – Encontro de Percussionistas”, atividade vinculada ao P.E.P.E.U e realizada na cidade de Pelotas entre outubro/2013 e setembro/2014. Os encontros tiveram por objetivo a troca de experiência provocada pela prática instrumental em conjunto entre os participantes e o diálogo sobre os seus fazeres musicais. Buscou-se assim investigar as contribuições entre os conhecimentos produzidos na conjunção entre o fazer musical orientado e o saber que vem da rua, através dos filhos desses espaços não formais, onde a educação não-formal é protagonista nos processos de ensino e aprendizagem. O público alvo se concentrou na comunidade acadêmica dos cursos de música da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) juntamente com percussionistas, ritmistas e instrumentistas que atuam da cidade. Os locais onde aconteceram os encontros foram alguns ambientes da cidade como o Prédio Histórico Casarão seis construído em 1878 como a residência de um charqueador abolicionista, assim como na própria Universidade e por vezes em bares previamente selecionados e previstos. A Noite dos Tambores já aconteceu anteriormente em outras cidades do Rio Grande do Sul a partir da iniciativa de dois percussionistas professores de universidades, Edu Pacheco e Luiz Jakka, ambos idealizadores desta ação que o P.E.P.E.U. trouxe para Pelotas. Eles são os pais da ideia da Noite, a diferença que nós o realizamos em espaços da Universidade. A ideia do encontro em si é a Roda de Tambores, onde cada participante com seu instrumento torna-se parte do fenômeno que está para acontecer. Os encontros são conduzidos por dois mediadores, ambos mestres em percussão e professores em universidades. Não se segue necessariamente um roteiro e não buscamos um produto final. O desejo aqui é percorrer o processo, o fenômeno e o que dele e

nele é produzido. O que nos motiva e fundamenta é a própria experiência e a produção de sentidos dada essa experiência. Entendemos por experiência aquilo que nos afeta, nos transforma de certa maneira, e que só é possível quando o sujeito da experiência é permissivo em relação às causas da mesma. Bondía (2002), afirma em nosso diálogo que, “[...] o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar”. E a experiência em sua significância “[...] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque [...]”. Em concordância com o autor, outra temática nos envolve. A etnomusicologia, a qual atribui sua importância ao significado que a música representa às pessoas que vivenciam, praticam e lhes conferem o devido valor, levando em conta que “cada povo tem seu próprio sistema musical, o qual reflete e expressa os valores fundamentais e as estruturas culturais de sua sociedade”. (NETTL, 1992, apud QUEIRÓZ, 2010) Com isso podemos pensar sobre as importantes contribuições de certos povos em relação à valorização, construção, adaptação e significados delegados à música e a própria cultura do povo, valorizando as distintas formas de experienciar os processos. Como participante ativa, observo, faço parte da experiência e atuo enquanto musicista e pesquisadora. A relevância que advém deste trabalho, além de estar localizada em aspectos da inter-relação entre a Educação Musical e a Cultura Popular, que se estabelecem no Encontro e a produção de conhecimento coletivo, dada essa inter-relação, é tomado ainda como eixo de disseminação da cultura popular local, questão que pretende valorizar os saberes vindouros das vivências urbanas, sejam elas na escola de samba, nas batucadas de terreiro, nas esquinas de blues e bolero e na própria comunidade em que se situam, ocasionando ainda o fenômeno de transmissão oral de dados históricos em relação à cultura popular das localidades, através desses protagonistas. No que tange aos resultados, pôde-se observar que em ambas as noites, através da condução dos mediadores, o espaço de construção de conhecimento foi gerado em conjunção com os participantes. Esses, compreendendo a ideia do encontro, contribuíram com suas histórias e saberes conquistados a partir das suas próprias experiências. Experiências estas que abarcaram distintas vertentes da música popular e a especial presença e saberes trazidos por um Mestre Griô da cidade. Personagens que atuam utilizando a música como forma de expressão e carregam consigo informações que compõe a história e diferentes formas de organização e de ensino das práticas musicais. O elo estabelecido permitiu que as práticas se interpelassem garantindo criações inéditas.

**Palavras-chave:** Música. Extensão. Cultura Popular. Educação.



## Referências

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, 2002.

QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. Educação musical e etnomusicologia: caminhos, fronteiras e diálogos. *Opus*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 113-130, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/opus>>. Acessado em: 1ago. 2014

## O NEGRO, SEUS VALORES E CONQUISTAS REFLETIDOS NA POÉTICA

YARA DA PAIXÃO FERREIRA  
Escola Municipal Anísio Teixeira - Salvador

### **Resumo**

Segundo Gomes (2005) “o movimento negro trouxe a discussão sobre desigualdade racial para o debate público e para as práticas e currículos escolares da educação, básica, universitária e de jovens e adultos”. Portanto, professor e aluno precisam estar inseridos na disseminação e concretização de projetos que tratem da Lei nº 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana para ampliar o campo de conhecimento da nossa história, do nosso povo e da nossa cultura. Na necessidade de trazer a aplicabilidade dessas diretrizes, surgiu o projeto denominado “O negro, seus valores e conquistas refletidos na poética”, realizado no Centro Educacional Anísio Teixeira (CEAT), localizado no Bairro da Gleba E, Rua das Flores, s/n na cidade de Camaçari, região metropolitana de Salvador, Estado da Bahia. A clientela envolvida refere-se aos professores e alunos das turmas da EJA II, II, IV e V. A relevância deste projeto está em contribuir para a disseminação e aplicabilidade da Lei nº 10.639/03 que indica a obrigatoriedade no Ensino da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Abordando em seu conteúdo programático o estudo da História da África e dos Africanos e a luta dos negros no Brasil, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. O projeto tem como objetivo reconhecer e identificar as lutas e conquistas do negro, no decorrer da história, saindo da condição de submissão e permissividade imposta pela mídia e pela tradição colonialista. Bem como discutir o preconceito racial no Brasil, tratando das desigualdades sociais, envolvendo alunos, educandos e comunidade; incentivar a criatividade poética e textual dos educandos; desmistificar a figura do negro como ser exótico que deve ser lembrado apenas em datas comemorativas. Como metodologia optou-se por estudo caráter empírico-bibliográfico, qualitativo e analítico, aliando estudo teórico à prática. Baseado em leituras, pesquisas e realização de atividades voltadas ao conhecimento e aplicabilidade da Lei nº 10.639/03. A prática pedagógica será pautada na participação efetiva do aluno, através de: discussões, planejamentos e elaboração de atividades individuais e coletivas visando ampliar o conhecimento da aplicabilidade da Lei. Além do entendimento teórico teremos atividades pedagógicas como: criação textual, que incentivará a criatividade literária baseada em conteúdos voltados a temática da História e da cultura Afro-brasileira. Os princípios que

subsidiar a metodologia aplicada no projeto em questão envolvem preceitos humanos, trabalho transversal, interdisciplinar e em rede cooperação, visando oferecer uma aprendizagem reflexiva e significativa. O método de trabalho será baseado em instrumentos, técnicas e recursos, que serão utilizados para alcance dos objetivos propostos, estudando a cultura e história do negro numa abordagem crítica e reflexiva. A análise de dados terá posicionamento crítico; Interpretação e sistematização de conhecimento, argumentação; produções orais, escritas e artísticas. Diante da história exposta pela mídia e por alguns seguimentos da sociedade, se faz necessários projetos e atividades que possam prover e demonstrar a lutas e contribuições do negro para o desenvolvimento: literário, tecnológico, social e científico do nosso país. Conduzindo o educando a quebra do paradigma do negro subserviente, permissivo apenas apontado como ser da escravidão. Neste contexto, avaliaremos os pontos positivos e negativos do projeto, para construção de projetos futuros. Desmistificando a história de segregação, submissão e incapacidade que foi impressa na sociedade por milhares de anos. Através deste projeto, a escola, professores e educandos poderão reconhecer sua identidade, sua ancestralidade, a história do negro, do continente Africano e o processo de aculturação que fizeram do Brasil, um país de negros e afros descendentes.

**Palavras-chave:** Educação. História. Aculturação. Afro-brasileira.

## OFICINAS INTEGRADAS DE ARTES POPULARES - SEMANA DO FOLCLORE 2014

RAFAEL ESTRUC PEREIRA

Aluno de Licenciatura em Música/UFPel. Bolsista PROBEC/UFPel

JOSÉ EVERTON ROZZINI

Professor do Departamento de Música CA/UFPel. Orientador-coordenador

### **Resumo**

O Laboratório de Artes Populares (LAPS) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), uma parceria do Programa de Extensão em Percussão (PEPEU) da UFPel e Núcleo de Folclore (NUFOLK) vem a contribuir nas atividades culturais na cidade de Pelotas- RS, propondo um elo entre a comunidade e a academia. Dentre as diversas atividades do grupo, no segundo semestre de 2014, foi realizada a Semana do Folclore, com oficinas, aulas abertas e rodas de conversa, cujo foco era fazer emergir as diversas manifestações folclóricas como processos educativos. Neste resumo, procuro me deter a apresentar as experiências obtidas na realização de duas oficinas ministradas por mim, sendo a primeira oficina de percussão corporal, ministrada em parceria com a bolsista do projeto Gabriela Mesquita, oferecida para crianças de faixa etária de 5 a 10 anos, e a segunda de Maculelê para turmas de ensino médio, ambas da rede pública de ensino da cidade de Pelotas. No dia 19 de agosto de 2014 foi realizada uma oficina integrada onde aconteceram simultaneamente atividades de Ciranda, Brincadeiras Folclóricas, Capoeira e Percussão Corporal. Os alunos foram divididos em quatro grupos que fizeram rodízio entre as atividades, sendo a sua duração de 30 minutos por grupo. Na oficina de percussão corporal iniciamos com uma apresentação do corpo como instrumento, incitando uma experimentação livre de extração de diferentes timbres do corpo. Em seguida, realizamos a prática de imitar o som da chuva com as palmas da mão, dando ênfase a dinâmica de crescimento e decaimento da intensidade da água. Posteriormente, trabalhamos a internalização rítmica, com passos alternados para marcação do pulso constante, para que fosse possível a introdução de células rítmicas da cultura popular brasileira (baião, samba, *funk*, etc.), depois uma roda de improviso tendo a pulsação como base para tentar despertar a autonomia no fazer musical. A experiência de ministrar esta oficina gerou em mim um pouco de nervosismo, pois, tratou-se da primeira vivência como educador. Como nunca havia passado pela experiência de trabalhar com crianças, o desafio maior foi desvendar e interpretar o modo que cada grupo absorveria e se interessaria pelo conteúdo aplicado, bem

como a escolha dos dispositivos para cada grupo em sua multiplicidade. Outro desafio foi lidar com indisciplina de alguns alunos, que impossibilitaram por um momento a execução da oficina. Como ponto positivo, posso destacar a receptividade das crianças, que se extasiaram com as diversas possibilidades que o corpo oferece sonoramente. Na segunda oficina, realizada no dia 22 de agosto de 2014, a temática foi o Maculelê, expressão folclórica de origem afro-indígena. Teve como objetivo introduzir um pouco da sua história e apresentar a dança e o ritmo. Contando com a ajuda dos outros bolsistas do curso de dança, introduzimos seus principais passos e a execução dos ritmos nos instrumentos percussivos agogô, chocalho, e as grimas (instrumento característico desse ritual). No final, ainda realizamos uma conversa de conscientização sobre as heranças culturais advindas da escravidão e a sua inter-relação com as expressões folclóricas, contextualizando com o nosso arredor da cidade de Pelotas. Nessa oficina, observei um contraste na fluência da troca de saberes, se comparado à anterior, por conta da faixa etária dos participantes. Foi muito mais difícil despertar interesse e atenção, porém ao mesmo tempo não houve por parte dos alunos perturbações que atrapalhassem o seu andamento. Senti-me mais calmo e seguro ao ministrá-la para jovens. Ao se pensar a educação a partir do par "experiência/sentido", como teorizado pelo autor Jorge Larrosa, definindo experiência como o que "nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" (BONDIA, 2002, p. 21), fundamentamos como resultados a própria experiência e a produção de sentidos dada essa experiência, sendo mensurada de forma singular a cada participante, não sendo possível enumera-los de forma quantitativa. Como percepção das oficinas, chamou-me a atenção o contraste entre o público das oficinas e suas faixas-etárias, no que diz respeito à autopermissão de aprender e se interessar por formas de expressões, principalmente corporais. A palavra vergonha me ocorreu diversas vezes durante a oficina ministrada para os jovens, pois estes tiveram maior dificuldade de se expressar do que as crianças. Dessa observação, chamou-me atenção a importância da introdução e incentivo a essas expressões artísticas desde a educação básica, quando a criança ainda se permite experimentar livremente sua singularidade. O trabalho realizado pelo LAPS tem relevância por proporcionar à relação da Cultura Popular com a academia, realizando encontros como a Semana do Folclore, onde se produziu conhecimento de forma coletiva, disseminando o Folclore na cultura local e transmitindo a importância das expressões artísticas populares.

**Palavras-chave:** Música. Extensão. Artes Populares. Folclore.

## Referências

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, 2002.

## **ORO MIMÁ” EDUCAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA MUSICA POPULAR DOS BANTOS DE IGUAPE**

MARIEL CISNEROS LÓPEZ

Antropóloga Social e Artista Visual, Doutoranda DMMDC

EDUARDO D. DE OLIVEIRA

Orientador da Tese, Coordenador do DMMDC

### **Resumo**

O presente trabalho é decorrente das atividades de pesquisa e extensão em andamento na comunidade de Santiago do Iguape.<sup>4</sup> Como doutoranda do DMMDC<sup>5</sup> e participando nas tarefas de coordenação vinculadas a coleta de dados e aos depoimentos com ferramentas da Antropologia Visual, localizamos um acontecimento que envolve eventos da cultura popular e a educação. Entre os povoadores da comunidade um horticultor recolhe músicas ancestrais, que cantavam seus pais e avós, e as transforma para manter na memória viva dos mais jovens do povoado. Ele é um inovador e um pesquisador preocupado pela divulgação da música popular de sua terra. Ao ampliar os conceitos nas dimensões da Antropologia e da Arte no fenômeno social dos intercâmbios, criamos entre ele, sua banda e nós, uma relação de ensino/aprendizado no desenvolvimento das complexas relações de pesquisadores e pesquisados como criadores de conhecimento. Segundo os objetivos do projeto vamos tentar compartilhar vivências e contribuir a para a preservação histórica das tradições históricas e da diversidade sociocultural quilombola, enquanto direito humano fundamental e ação afirmativa. O escopo criado entre Arte e Antropologia é o referencial teórico aplicado para re/construir o paradigma educacional baseado na criatividade. O processo criativo é complexo e muitas vezes torna-se uma aventura em que as incertezas são envolvidas na centralidade da ação. Neste campo de tensões, a sensibilidade artística dos indivíduos que vivem nesse pequeno povoado tem um caráter educativo com o compromisso de promover a aprendizagem colaborativa nos processos de comunicação de ensino. Análise coletiva da produção musical que aparece como novidade será a justificativa para guardar sua história na tradição oral. Como resultados espera-se colaborar na sistematização da história local a partir da memória coletiva.

**Palavras-chave:** Memória. Etnografia da família. Cultura popular.

---

<sup>4</sup> Edital PIBIEX 2013-2014, Universidade Federal da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão Universitária.

<sup>5</sup> -Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão de Conhecimento, <http://www.difusao.dmmdc.ufba.br/>

## PEPEU – PROGRAMA DE EXTENSÃO EM PERCUSSÃO DA UFPel

JOSÉ EVERTON DA SILVA ROZZINI;  
Professor do curso de Licenciatura em Música CA/UFPel

GABRIELA GONÇALVES MESQUITA  
Aluno de Licenciatura em Música/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

RAFAEL ESTRUC PEREIRA  
Aluno de Licenciatura em Música/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

### **Resumo**

O presente trabalho se propõe a apresentar um conjunto de ações realizadas pelo Programa de Extensão em Percussão (PEPEU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Criado no segundo semestre de 2013, tendo como principal objetivo articular os saberes populares com os saberes acadêmicos. O Programa prevê um conjunto de ações como o *Tambor de Escola*, que possibilita a realização de oficinas e recitais para professores e alunos da rede públicas de ensino, a *Oficina de Percussão* destinada à alunos de outros cursos da UFPel e pessoas da comunidade. O *Grupo de Percussão* da UFPel (composto por alunos voluntários e bolsistas do programa) que circula por espaços públicos da cidade visando a formação de plateia, oportunizando o contato das pessoas com a música de percussão. Todas as ações são pautadas na perspectiva de criar um espaço de diálogo entre a comunidade acadêmica e a cultura popular, uma vez que “na educação musical temos tanto a tarefa de desenvolvimento da musicalidade e da formação musical quanto do aprimoramento humano dos cidadãos pela música”. (KATER, 2004, p. 46) I SEMANA DE PERCUSSÃO DA UFPel foi outra atividade realizada no mês de novembro de 2013, foi possível o encontro do Griô Dilermando Freitas, outros mestres da cultura popular local com alunos e demais participantes do PEPEU. Neste encontro foi possível conversar sobre a origem do SOPAPO (instrumento de percussão que tem a sua história relacionada ao povo negro da região sul do Brasil). Também foi possível a conexão com diversos músicos locais, dentre os quais chamou a atenção os CUIQUEIROS de PELOTAS – grupo de tocadores de cuíca. Foram realizados cortejos ou caminhadas percussivas nas imediações dos prédios da UFPel que ficam localizados no bairro do Porto e a ação de encerramento da Semana ocorreu no centro da cidade num sábado pela manhã acompanhado de uma companhia de danças populares, a Abambaé, vários músicos participantes de baterias de escolas de samba, de bandas de carnaval, de bandas militares e bandas escolares, um mestre Griô entre outros. Ação esta que deu uma repercussão na



imprensa local e nas redes sociais o que potencializou o movimento gerando a aproximação de pessoas da comunidade com o grupo que se mobiliza através do PEPEU. Este conjunto de ações gerou o convite para que o PEPEU viesse a participar do VI Encontro Latino Americano de Percussão (ELAP), realizado no mês de maio de 2014 na Universidade de Uberlândia em MG, onde o PEPEU apresentou um espetáculo preparado especialmente para mostrar essa fusão entre o conhecimento popular e o acadêmico. Por fim, observou-se a receptividade da comunidade para com o programa criado na universidade. Gerou a criação de um Grupo de Percussão que além de apresentar-se em várias atividades promovidas pela cultura popular local também esteve presente no palco do maior evento acadêmico conjunto da UFPel, que reuniu o Congresso de Iniciação Científica (CIC) -o Congresso de Extensão e Cultura (CEC) e o Encontro de Pós- Graduação (EnPÓS) além de estar presente no espetáculo de Abertura da ISME 2014 em Porto Alegre. Hoje alguns dos participantes do PEPEU também se encontram em outros dois espaços de formação, o grupo de pesquisas “Observatório de Culturas Populares” que reúne professores de vários cursos, pesquisadores e alunos da UFPel, professores da rede pública e pessoas da comunidade interessadas nas temáticas das culturas populares. O outro espaço em que os bolsistas do PEPEU tem dedicado horas em atividades é o Laboratório de Culturas Populares o LAPS – criado pelo edital da LIFE/CAPES – Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores. Entendemos que esse programa é fundamental para a área da Educação Musical e para a Cultura Popular. Além de ser pioneiro no curso de formação de professores de música na Universidade Federal de Pelotas, o programa de extensão em percussão, além de possibilitar o contato dos alunos com ações de extensão, gera a necessidade de qualificá-las seja por meio de pesquisas e de estudos que em nosso caso em sua maioria são realizadas conjuntamente com a dança, especialmente danças populares. Acreditamos que “cada povo tem seu próprio sistema musical, o qual reflete e expressa os valores fundamentais e as estruturas culturais de sua sociedade”. (NETTL, 1992, apud QUEIRÓZ, 2010) Através dos compartilhamentos, das mediações, das conjunções entre professores, alunos e pessoas da comunidade tem através deste espaço de construção de conhecimento, possibilitado uma perspectiva diferente daquela até então estabelecida, as criações musicais inéditas refletem as novas relações que estão acontecendo da cidade de Pelotas.

**Palavras-Chave:** Música. Cultura Popular. Educação.

## Referências

KATER, C. que podemos esperar de uma educação musical em projetos de ação social. *Revista da ABEM*, v. 10, p. 43-51, mar. 2004

QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. Educação musical e etnomusicologia: caminhos, fronteiras e diálogos. *Opus*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 113-130, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/opus>>. Acesso em: 1 ago. 2014.

## PERMACULTURA E CAPOEIRA ANGOLA: INTEGRAÇÃO ANCESTRAL E NATURAL

SARA ABREU DA MATA MACHADO

Mestre em Educação pela UFBA e Doutoranda pelo programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento

ROSÂNGELA COSTA ARAÚJO

Doutora em Educação pela USP. Professora e pesquisadora pela Faculdade de Educação da UFBA.

### Resumo

O que nos movimenta neste trabalho é a relação entre a capoeira angola e a permacultura, encontro que vem se configurando, na atualidade, como uma potência de desconstrução de padrões de degradação ambiental e construção de modos de vida mais integrados à natureza. Nas últimas décadas, alguns mestres de capoeira estruturam suas vidas em áreas mais rurais e realizam trabalhos de capoeira, envolvendo a permacultura, agroecologia e afins, na busca por formas de vida mais sustentáveis e integradas à natureza. Partimos, assim, da seguinte pergunta de investigação, que vem guiando a pesquisa de doutorado à qual este trabalho se refere:<sup>6</sup> **nas comunidades compostas por capoeiristas e pessoas que atuam com permacultura/agroecologia, como as pessoas interagem, significam e aplicam os conhecimentos produzidos pela integração entre natureza e cultura?** O percurso metodológico parte do meu lugar como pesquisadora e também capoeirista, angoleira, envolvida no campo de estudos. A metodologia tem inspiração etnográfica e participativa e o campo de estudos compõe um mapeamento de iniciativas que apresentam a proposta de integrar a Capoeira Angola e ações de permacultura e agroecologia. Neste trabalho, apresentamos e discutimos as propostas da permacultura e da agroecologia, pois foram estas as duas principais referências para compreendermos as experiências encontradas em campo. Buscamos compreender e contextualizar essas práticas, buscar aspectos de semelhanças e diferenças entre elas e apresentamos o mapa dos encontros que compuseram a etapa inicial da pesquisa de campo. Buscamos compreender como se deu a integração entre a capoeira e as outras práticas em torno da permacultura e da agroecologia e como se configuram as “comunidades intracomunitárias”, compostas por capoeiristas, junto a outros não-capoeiristas. Com isso, refletimos sobre as concepções de tradição, cultura, natureza e ancestralidade,

---

<sup>6</sup> A pesquisa intitulada “BAOBÁ NA ENCRUZILHADA: Ancestralidade Africana, Capoeira Angola e Permacultura” vem sendo realizada junto ao programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC), pela UFBA e outras instituições parceiras.

corpo, ética, educação e comunidade, visando colaborar com os debates no campo dos estudos da multirreferencialidade na produção e difusão do conhecimento.

**Palavras-chave:** Ancestralidade. Capoeira Angola. Permacultura.

# POETICAS ORAIS E IDENTIDADE ÉTNICORRACIAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE VOLTA GRANDE

CARLENE VIEIRA DOURADO  
Mestranda em Crítica Cultural - UNEB/Campus II

ARI LIMA  
Orientador

## **Resumo**

Este projeto de pesquisa, em fase de desenvolvimento, objetiva identificar as representações sociais e as marcas culturais da Comunidade Quilombola de Volta Grande, município de Barro Alto-BA, através da coleta de narrativas orais e observação participante. E se propõe a investigar a identidade étnico-racial representada nas narrativas orais e memória quilombola. No que tange a fundamentação teórica, será necessária revisão bibliográfica sobre o conceito de cultura, a prática da história oral, comunidades quilombolas, raça e etnicidade. Para complementar os vieses do arcabouço teórico, será base para o estudo uma literatura voltada para a oralidade, uma vez que o *corpus* deste trabalho está focado na valorização da memória e o método para a realização deste é a história oral e sua técnica da entrevista. Espera-se, assim, identificar, mapear e analisar as marcas culturais da comunidade, bem como contribuir para a visibilidade e valorização da memória quilombola e para ampliar os estudos sobre o tema no universo da crítica cultural.

**Palavras-chave:** Comunidade quilombola. Narrativas orais. Memória. Identidade étnico-racial. Crítica cultural.

# UM OLHAR SOBRE O PROGRAMA DE PERMANÊNCIA NO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA-UFRB. SUJEITOS: PERTENCIMENTO E PROTAGONISMO<sup>7</sup>

JOLANE MOTA ALVES DA CRUZ

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB, no Centro de Formação de Professores- CFP e Estudante do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades- UFBA

## Resumo

A presente pesquisa consiste em um estudo de caso, que visa investigar as políticas de permanência adotada pelo Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB) no período de 2008-2010. Mais especificamente, compreender como essas políticas podem contribuir para abrandar as desigualdades sócio raciais na academia, e o papel dos movimentos sociais na construção das políticas afirmativas para o ensino superior público. Tal cenário explana quando nos referimos à educação da população negra, o cerne comum é o da denúncia, pela má qualidade. Isso porque a própria configuração do sistema de ensino brasileiro manteve como substrato do processo educacional, a desvalorização, ou seja, a invisibilidade deste segmento social. (PETROLINA, 2003) O que se pode ponderar é que, ao se tratar de Educação Superior no Brasil, não se pode desconsiderar a realidade histórica e sócio econômica do país. Segundo o instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE), no censo de 2010, o país teve a maior proporção de negros fora da África. Por outro lado, como a organização da escola reflete a organização da sociedade, tanto em uma como na outra se projeta a complexidade das relações entre os diferentes sujeitos e grupos sociais que as compõem. Assim, essas relações revelam as contradições e os conflitos que se manifestam por meio dos indivíduos que cotidianamente se inter-relacionam. Nesse sentido Giroux (1986) nos ajuda a pensar que a marca da sociedade e da cultura dominante é impressa em uma variedade de práticas escolares, isto é, na linguagem oficial, nas regras da escola, nas relações sociais na sala de aula, na seleção e apresentação do conhecimento escolar, na exclusão de capital cultural específico etc. Nesse viés é desnecessário dizer que a marca da sociedade não é simplesmente impressa ou imposta sobre a consciência ou sobre a ideologia dos oprimidos. Ela está sempre sendo mediada, algumas vezes rejeitada, outras tantas confirmada. Assim, as escolas representam terrenos contudentes na formação das subjetividades dos alunos, mas que esse terreno é tendencioso a

---

<sup>7</sup> Trabalho apresentado no I Seminário Griô – Culturas Populares e Educação na Universidade Federal da Bahia, Campus Canela, em Salvador/ BA realizado entre os dias 09 e 10 de Outubro de 2014.

favor da cultura dominante. A minha inquietação pela temática sempre foi evidente, talvez por ter nascido na cidade de Salvador, na qual cerca de 80% da população se considera negra, segundo o IBGE. Mesmo sendo maioria, grande parte da população negra soteropolitana não tem acesso de qualidade a serviços básicos como saúde, moradia, lazer, e tão pouco a educação. Em relação a este último item, embora se tenha universalizado o acesso, a sua qualidade para os segmentos sociais desfavorecidos ainda fica a desejar. Pois a educação teve um boom nas últimas décadas, mas sua qualidade passou a ser questionada, inclusive no que tange à perpetuação de práticas discriminatórias raciais. A relevância deste tema reside essencialmente em tonar notória a historiografia da política educacional brasileira, que traz a exclusão em seu bojo, pois não só o preconceito de classe, mas também o preconceito de raça. O enfrentamento da questão passa pela constituição de diretrizes curriculares que ensejem uma visão crítica das condicionantes sociais da população brasileira, o que põe em xeque a falácia da democracia racial. O local de realização da pesquisa é uma instituição de ensino superior pública federal, a UFRB, situada no município de Amargosa-BA. O foco da investigação foi o curso de licenciatura em pedagogia da referida instituição. Mais especificamente, os bolsistas do programa de permanência qualificada (PPQ), para, a partir das informações coletadas com eles, compreender se/como estas políticas contribuiu para abrandar as desigualdades na academia. Os principais aportes teóricos utilizados nesse trabalho foram: Hasenbalg e Silva (2003), Telles (2003), Moore (2007) Cavalleiro (2006) Guimarães (2004) Menezes (1994) Petrônio (2007), Gonçalves (2006), Neves (2006), Zago (2007), Demo (1999) e Piletti, (1990) dentre outros que discutem a temática em estudo. No que tange os instrumentos de coletas de dados foram utilizados entrevistas semiestruturadas, análise de documentos oficiais, entre outros. De acordo com Ludke e André (1986, p. 45) essa entrevista “[...] se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”. Esta técnica possibilitou desenhar o perfil dos estudantes assistidos pelo do programa de Permanência da UFRB e compreender como essas políticas de permanência adotadas pelo CFP vêm contribuindo no combate as desigualdades sócias raciais na academia. Entretanto, sinalizaram para a necessidade de aprofundar o estudo sobre a questão da permanência das comunidades negras no ensino superior público na Bahia.

**Palavras-chave:** Educação Superior Pública. Políticas Afirmativas. Equidade.

## **QUILOMBOLER: VOZES NEGRAS RESSOANTES NA LITERATURA BRASILEIRA**

MARIA GABRIELA BATISTA NEIVA  
Mestranda em Crítica Cultural - UNEB/Campus II

OSMAR MOREIRA DOS SANTOS  
Orientador

### **Resumo**

A Literatura Negra/Marginal, na contemporaneidade, vem se configurando como um espaço privilegiado de afirmações identitárias, deslocamentos, engajamento político e, sobretudo, como projeto de emancipação humana, em que o negro deixa de ser objeto para ser sujeito do seu discurso. Nesta pesquisa, trata-se de investigar o impacto ou não dessa produção no interior de uma comunidade quilombola, situando e confrontando valores tradicionais, estéticos, políticos e identitários, a partir de um grupo focal da comunidade quilombola de Lagoinhas, situada no município de São Gabriel- BA. Desse modo, espera-se que o trabalho com os Cadernos Negros possa contribuir para construção de um modelo de representação e de autorrepresentação etnicorracial positivamente afirmado.

**Palavras-chaves:** Literatura Negra. Identidades. Comunidade quilombola.



## REDES DE COLABORAÇÃO SOLIDÁRIA – CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE NA EDUCAÇÃO

REJANE SOUZA COSTA MATOS  
NEIM – UFBA

### **Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um estudo bibliográfico atento acerca das redes de colaboração solidária, no contexto da economia solidária e suas implicações na dimensão econômica e os desdobramentos na dimensão política e cultural. Partimos de um estudo acerca da revolução das redes iniciado com a conceituação e breve panorama contextual acerca da temática, para então apresentar o sistema organizativo de redes em seu conceito mais geral até suas características, conexões e os pressupostos filosóficos que embasam as produções do professor Euclides Mance. No intuito de alargar a compreensão sob sua ótica à respeito da economia solidária. O autor discute economia solidária e agrega, com o princípio da alteridade, a consistência necessária. A partir da análise apresentada, a dimensão educativa tem forte influência nesta proposta e é possível perceber a necessidade de mecanismos e instrumentos que propiciem bases firmes para o reordenamento teórico do campo da educação à serviço da libertação. Na tarefa de aprofundamento reflexivo-crítico sobre as práticas de economia solidária percebemos ainda a importância de entender a educação regida por padrões éticos solidário, comunitários. Mance não teoriza sobre as concepções de transformação social na dimensão educativa, as mesmas que podem nutrir práticas de educação popular, ambas com os mesmos princípios. Além disso, ampliar a proposta da economia solidária demanda enfatizar a formação. Consideramos dois pontos importantes como: a necessidade de reformulação dos pressupostos educativos, já que a proposta parte de bases distintas do sistema vigente e conseqüentemente necessita de pensamento pedagógico que considere o padrão solidário. O outro ponto refere-se ao potencial tecnológico oferecido pelos ambientes virtuais que potencializam a discussão e prática de formação e emancipação dos trabalhadores e trabalhadoras. O trabalho nos abre os horizontes para colaborar com a pesquisa da nossa própria práxis de libertação no campo da educação.

**Palavras-chave:** Economia Solidária. Educação. Redes de Colaboração Solidária. Revolução das Redes.

## Referências

MANCE, Euclides André. *A Revolução das Redes Constelação Solidarius - A colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual*. Petrópolis: Vozes, 1999. 220 p.

MANCE, Euclides André. *Redes de colaboração solidária: aspectos econômico-filosóficos: complexidade e libertação*. Petrópolis: Vozes, 2002. 364 p.

MANCE, Euclides André. *A Revolução das Redes - A Colaboração Solidária como uma Alternativa Pós-Capitalista à Globalização Atual*. CEPAT – Informa *Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores*, Curitiba, PR. Ano 4, n. 46, p.10-19, dez. 1998. Disponível em: <<http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/rede.htm>>

MANCE, Euclides André Euclides. *Como Organizar Redes Solidarias*. Rio de Janeiro: IFiL; Fase; DP&A Editora, 2002. 391 p.

MANCE, Euclides André. Euclides André. *Constelação Solidarius: as fendas do capitalismo e sua superação sistêmica*. Passo Fundo: Instituto Superior de Filosofia Berthier, 2008.

MANCE, Euclides André. *Redes de Colaboração Solidária: Construindo uma nova sociedade*. Curitiba: IFiL - Instituto de Filosofia da Libertação, mar 2000. Disponível em: <<http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/redes1.htm>>.

MANCE, Euclides André. Euclides André. *Fome Zero e economia solidária: o desenvolvimento sustentável e a transformação estrutural do Brasil*. Curitiba: IFIL - Instituto de Filosofia da Libertação, 2004. 276 p. Disponível em: <<http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/fomezero.pdf>>.

MANCE, Euclides André. Euclides André. *Redes de Colaboração Solidária & Tecnologia da Informação*. Curitiba: IFiL- Instituto de Filosofia da Libertação, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/tecnologia.htm>>

# RITOMÍDIA DO RITUALÍSTICO AO MUDIÁTICO A MUDIATIZAÇÃO DAS CULTURAS POPULARES DE RAIZ DE MATRIZ AFRICANA NA PERSPECTIVA DA CAPOEIRA ANGOLA

CAREM ABREU  
PUC-MG

## Abstract

How do the cultures of African roots, which rely on the transmission of knowledge based on presence and orality, appropriate and utilize virtual socio-technical devices? Nowadays, are digital media, and especially the social networks, used by ancestral cultures as a strategic way of updating their traditions? The present study has investigated the process of mediatization, in the period between 2010 and 2012, of a root cultural manifestation known as angola capoeira. The research tried particularly to understand how the use of social media, websites, and blogs has been made by two angola groups in Belo Horizonte, Minas Gerais: Fundação Internacional de Capoeira Angola [International Foundation for Angola Capoeira] (Fica-BH) and Associação Cultural Eu Sou Angoleiro [Cultural Association I am Angolan] (Acesa). The results point at a peculiar communicative strategy to divulge traditional cultures within the social field, one which articulates permanence, change, and the updating of processes of meaning production. Such a strategy shape the internal communication and external publicization processes, in a peculiar line of action between the traditional and the contemporary.

**Keywords:** Mediatization. African root cultures. Angola capoeira. Semiotics. Interaction.

## Resumo

Como as culturas de raiz de matriz africana, que possuem a transmissão de saberes fundada na presença e na oralidade, se apropriam e utilizam dos dispositivos sociotécnicos virtuais? Na atualidade as mídias digitais e em especial as redes sociais, são utilizadas pelas culturas ancestrais como forma estratégica de atualização de suas tradições? Esse estudo investigou o processo de midiatização, ocorrido entre 2010 e 2012, de uma manifestação de cultura de raiz conhecida como capoeira angola. Mais especificamente a pesquisa procurou entender como vem acontecendo a utilização de mídias - como as redes sociais, site e blog - por dois grupos angoleiros de Belo Horizonte, MG: a Fundação Internacional de Capoeira Angola (Fica-BH) e a Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (Acesa). Os resultados apontam para uma singular estratégia comunicativa de difusão das culturas tradicionais no campo social, que articula

permanência, mudança e atualização dos modos de produção de sentidos. Os quais configuram os processos internos de comunicação e formação e os processos externos de publicização, num agenciamento singular entre o tradicional e o contemporâneo.

**Palavras-chave:** Mídia. Cultura de raiz de matriz africana. Capoeira angola. Semiótica. interação.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *O que é um Dispositivo?* In: AGAMBEN, G. *O que é contemporâneo?* São Paulo: Argos, 2007.

BARBALHO, Alexandre; Cidadania, Minorias e Mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. In: BARBALHO, Alexandre PAIVA, Raquel (Org.). *Comunicação e Cultura das Minorias*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 27-38.

BARROS, José Márcio. A diversidade cultural, o identitário, o popular e o tradicional. In: BARROS, José Márcio. *Catálogo Culturas Populares & Identitárias da Bahia*. Salvador: Governo do Estado da Bahia, Secretaria de Cultura, 2010.

FECHINE, Yvana. VALE NETO, João Pereira. *Regimes de Interação em Práticas Comunicativas: experiência de intervenção em um espaço popular em Recife*. Rio de Janeiro: Compós, jul. 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. CHARLES, Sebastien. *Os Tempos Hipermodernos*. França: Barcarolla, 2004.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VIZER, Eduardo. Movimentos Sociais: novas tecnologias para novas militâncias; FERREIRA, Jairo. Notícias Sobre as Ongs: uma conjuntura aberta pelos dispositivos midiáticos na web. In: VIZER, Eduardo. FERREIRA, Jairo (Org.). *Mídia e Movimentos Sociais: linguagens e coletivos em ação*. São Paulo: Paulus, 2007.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

# O TAMBOR COMO EXTENSÃO DO SER-CORPO: A ARTE-EDUCAÇÃO COMO FUNDAMENTO PARA BUSCA DA AUTONOMIA PESSOAL E PROFISSIONAL

CARLA FABIANNY RAMOS SALLES  
Doutoranda em Educação Musical na ULSHP-França

## Resumo

Este estudo considera o **tambor** e o **corpo** como meios de comunicação e expressão e inclui os ritmos na interpretação do movimento. Origina-se das experiências coreográficas vivenciadas com entidades afro-baianas, onde constatamos que os instrumentos industrializados não favoreciam a expressão corporal do percussionista em sua totalidade, limitando sua liberdade de movimentos expressivos. Em nossas oficinas, criamos nossos instrumentos a partir de materiais reciclados, reconhecendo que a interação entre os gestos e o instrumento adaptado representa uma expressão mais harmônica do homem contemporâneo que deseja ampliar sua formação acadêmica pela arte-educação, ciência e tecnologia. Definimos como objetivo geral compreender a arte-educação na formação acadêmica do percussionista como um meio para o desenvolvimento de habilidades que promovam sua autonomia pessoal e profissional. Os objetivos específicos procuram investigar a interação entre o instrumento e o corpo como meio de comunicação e expressão; despertar o autodesenvolvimento do percussionista na construção instrumental que beneficie sua performance corporal; avaliar a relação entre análise musical, o *mimodrama* e a variação do tempo; estudar a otimização da audição para a harmonização do instrumento adaptado, do ritmo criado e do corpomídia. Para fundamentar o nosso pensamento citamos Walter Benjamin, sociólogo, filósofo e ensaísta, que defende uma visão materialista, segundo a qual toda produção artística é circundada por certa “aura” que revela sua singularidade e originalidade. Faz-se necessário pontuar, também, a obra de Norval Baitello (1999) intitulada “Como primeira mídia do homem, é preciso ver o corpo também como texto capaz de comunicar”. A autora Santos-Silva (2006, p. 11) traz a ideia de “Ser-Corpo” – termo utilizado para fundamentar o corpo como ser integral, “nós todos somos corpo”, corpo como identidade e veículo de comunicação e de transformação de si mesmo e do mundo. Este estudo está também embasado na obra de Paulo Freire, que utiliza a cultura popular para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, conduzindo a educação à ação de interpretar e à força da liberdade criadora. Ao mesmo tempo baseia-se na obra de Duarte Júnior (2001) que incorpora as artes à educação, detendo-se no indivíduo, numa educação sensível, realizada

através do conhecimento tácito. Para este autor, durante o processo ensino-aprendizagem deve-se despertar primordialmente a sensibilidade, visando os sentidos do corpo e a contribuição da arte-educação através do autoconhecimento, trazendo um novo sentido para o desenvolvimento do percussionista, estimulando-o a buscar os conhecimentos coerentes com os seus objetivos pessoais. Ambos estimulam o diálogo permanente e a troca de saberes e fazeres entre a academia e a cultura popular, valorizando assim o conhecimento acumulado tanto pelo educador quanto pelo educando. Para nós, a dinâmica do ensino e aprendizagem da arte-educação com percussionistas é fundamental, para despertar a aprendizagem de uma nova expressão artística, através do uso do instrumento adaptado e reformado no curso de música. Para tanto, buscamos confeccionar tambores para tocar, dançar e cantar envolvendo a habilidade de coordenar: o pensamento, o movimento, a expressão e a criação integrando o tambor confeccionado ao corpo, ritmo e vozes. Optamos metodologicamente por uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo e exploratório; identificação e contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada; e valorização das experiências práticas para a construção e reconstrução do conhecimento. Como este é um trabalho racional, lúdico, intuitivo e criativo, busca-se despertar no educando meios de alcançar os seus objetivos e metas profissionais de forma prazerosa. Esta iniciativa também pretende incluir a arte-educação na formação acadêmica do percussionista como um meio de expansão das habilidades artísticas e técnicas, através da percepção ampliada das suas próprias capacidades, incluindo-o no currículo das universidades, sobretudo, no curso de música, como fundamento para uma exploração criativa e desenvolvimentista do ser humano.

**Palavras-chave:** Tambor. Corpo. Arte educação. Autonomia.